



ALÉM DO HORIZONTE

MIGRANTES PELO BRASIL E PELO MUNDO

Liliane Feitoza | Salviano Feitoza

PRAZER
DE
LER

Acrescentando no futuro do Brasil

Além do horizonte: migrantes pelo Brasil e pelo mundo

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza



Além do horizonte: migrantes pelo Brasil e pelo mundo

Liliane Feitoza
Salviano Feitoza

Editor: Lécio Cordeiro

Revisão de texto: Suélen Franco

Capa: Sophia Karla

Ilustração da capa: Cadu Loureiro

Projeto gráfico: Allegro Digital

Editores eletrônica, pesquisa iconográfica e infografia: Allegro Digital

Coordenação Editorial:



Editora Prazer de Ler
Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680
CEP: 53411-000 - Paratibe - Paulista/PE
Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638
CNPJ: 14.605.341/0001-03

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos das fotos, ilustrações e dos textos contidos neste livro. A Editora pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

Para fins didáticos, os textos contidos neste livro receberam, sempre que oportuno e sem prejudicar seu sentido original, uma nova pontuação.

F311a Feitoza, Liliane
Além do horizonte : migrantes pelo Brasil e pelo mundo : paradi-
dático geografia - 8A / Liliane Feitoza, Salviano Feitoza. – Recife :
Prazer de Ler, 2018.
112p. : il.

Inclui referências.

1. GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO – ESTUDO E ENSINO. 2.
GEOGRAFIA HUMANA – ESTUDO E ENSINO. 3. EMIGRAÇÃO
E IMIGRAÇÃO – ESTUDO E ENSINO. 4. MIGRANTES INTERNOS
– BRASIL – ASPECTOS SOCIAIS. 5. EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO
– ASPECTOS SOCIAIS. I. Feitoza, Salviano. II. Título.

CDU 911.3
CDD 911.3

PeR – BPE 18-240

ISBN: 978-85-8168-671-4
Impresso no Brasil

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de
fevereiro de 1998.

A todos que tentaram ir além do horizonte
e que transformaram não só a si, mas ao
mundo.

Apresentação

Agora mesmo, enquanto você lê estas palavras, muitas pessoas estão deixando o lugar onde nasceram. Alguns partem por necessidade, por falta de condição de sobrevivência nos seus antigos lares, outros por escolha. Esses viajantes são diferentes em vários aspectos, mas sua realidade e seu impulso para o deslocamento são igualmente importantes para compreender o mundo hoje. Seria impossível pensar nossa história e nossa sociedade desconsiderando a influência de mulheres, homens e crianças que se deslocaram, e ainda se deslocam, e que através dos seus encontros e participações ajudaram a constituir a identidade de diversos países, como o Brasil.

O ato de migrar, de deixar um lugar familiar e ir em direção ao diferente, seja para outro país, seja para partes distintas de um mesmo território, precisa ser pensado junto a duas importantes percepções. A primeira delas é a consciência da desigualdade. Pessoas se deslocam em busca de melhores oportunidades, pois viver, trabalhar e estudar, por exemplo, não é igualmente fácil ou difícil em todos os lugares. A migração é, justamente, uma mostra de como as pessoas se deslocam de um lugar de dificuldades em busca de um lugar de oportunidades. A segunda percepção é a consciência da esperança, que, ao longo da história, conduziu muitas pessoas em direção ao desconhecido, algumas vezes com pouco mais do que a fé de que a vida poderia ser melhor além do horizonte.

Este livro convida você para uma viagem em torno de outras viagens, realizadas por migrantes que chegaram ao Brasil e a outras partes do mundo em diferentes momentos e por uma série de motivos. Também convida para pensar as migrações como oportunidades de constituir um mundo multicultural, de expandir-se pela a experiência dos outros e de dialogar, antes de tudo. Pensar sobre migrações é essencial diante da atual crise dos refugiados e diante da renovada dívida que separa países que hoje são polos de emigração dos que têm atraído migrantes e refugiados.

Sumário

Começo de conversa 6

Capítulo 1

Migrantes e refugiados 8

Reflexão 15

Capítulo 2

Dispersos pelo mundo 20

● Discutindo fatores históricos e direções dos fluxos migratórios ... 20

● Povos em movimento 22

Reflexão 31

Capítulo 3

Em direção ao Brasil 36

● Primeira fase migratória (1808 – 1849) 40

Reflexão 46

● Segunda fase migratória (1850 – 1933) 48

Reflexão 58

● Terceira fase migratória (Era Vargas)..... 62

Reflexão 64

● Dias atuais (a emigração brasileira e os novos imigrantes) 65

Reflexão 74

Capítulo 4

Viagens pelo Brasil: migrações internas..... 80

● Seguindo os ciclos econômicos: em busca de oportunidades..... 82

● Urbanização e marcha para o oeste 87

● Os nordestinos migrantes em música, literatura e Sociologia..... 96

Reflexão 105

O fim e o recomeço 110



Começo de conversa

A liberdade de se locomover, de ir de um lugar para outro e de ficar, quando se deseja, é um importante princípio que regula a vida das pessoas em sociedade. Essa liberdade é muito importante, pois nós estamos sempre em movimento e é através desse ir e vir que as pessoas vão em busca do que é necessário para elas. Se você pensar um pouco, verá que a sua vida também está cheia de movimentação. Todos os dias, você se movimenta dentro da sua casa, na sua rua e no caminho de casa até a escola, por exemplo. E, além dessas circulações diárias e de curta distância, você também pode sair em uma longa viagem com destino a um outro estado ou mesmo a um outro país.

Sempre que essas movimentações ocorrem, existe um motivo para elas. Há um motivo para ir à escola, para ir brincar com os amigos e vizinhos e também há motivos para ir a outra cidade, outro estado, outro país. Esses motivos podem causar uma movimentação passageira, como uma visita ou um passeio turístico, ou podem levar a uma mudança mais duradoura, como quando uma pessoa sai do lugar onde nasceu e vai em direção a outro não apenas para conhecê-lo, mas para morar nele.

Essas possibilidades de ir, vir e ficar podem ser pensadas a respeito de uma única pessoa, como eu ou você, mas também podem ser observadas considerando a movimentação de grandes grupos populacionais. A História e a Geografia trazem não só muitos exemplos de populações que se fragmentaram, quando uma parte do povo se deslocou para outros espaços, mas também explicações que nos permitem compreender o motivo dessas locomoções.

Podemos imaginar, sem nos esforçar muito, que não é sem motivo que uma grande quantidade de pessoas decide deixar o lugar onde nasceu e se destinar para outro, principalmente quando estamos nos referindo a alterações duradouras. Quando, nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, muitos nordestinos começaram a deixar sua região e a se destinar para as regiões Sudeste e Norte, havia um motivo para esse deslocamento. Da mesma forma, quando o Brasil recebe pessoas de outros países, como sírios, haitianos, japoneses ou italianos, existe uma razão para que isso ocorra.

Na verdade, não faria sentido deixar o lugar de origem senão por um motivo muito forte. Para entendermos por que não, basta que nos coloquemos no lugar dessas pessoas. Quando alguém deixa seu local de origem, ela se afasta de muitos amigos e conhecidos, de costumes, de hábitos, de lugares

e, principalmente, de um modo de viver ao qual se está acostumado. Com esses deslocamentos, muito do que é familiar fica para trás, sendo substituído pelo que não se conhece tão bem. Ao pensar em um deslocamento para outro país, estamos pensando em uma movimentação que deixa para trás um idioma (ou pelo menos uma forma de falar um idioma), um tipo de alimentação, um conjunto de músicas e um jeito de ser do qual se gosta.

Mesmo com todas essas questões, que fazem com que se afastar do seu lugar de origem não seja uma tarefa simples, muitas dessas locomoções aconteceram e continuam acontecendo ao longo da história da humanidade. Neste livro, conversaremos sobre esses deslocamentos humanos focalizando o Brasil como local de saída e chegada ou como os dois, ao tratarmos de deslocamentos internos. Também trataremos dos motivos reais que fizeram e fazem com que esses movimentos aconteçam, da influência cultural resultante dessas locomoções e do problema humanitário gerado quando pessoas precisam se deslocar, mas não são recebidas nos destinos que almejam.

Todas essas questões estão relacionadas a deslocamentos populacionais e, para serem compreendidas, precisam estar baseadas em alguns conceitos prévios — com destaque para os conceitos de **migrantes** e **refugiados**. A partir de agora, começaremos uma viagem que contará a história de outras viagens, que tratará de correntes migratórias e de grupos refugiados, mas que, antes de tudo, falará sobre um mundo que se movimenta e se mistura através de diversas populações que estão constantemente indo, vindo e se dispersando pelo mundo.



Rogério Cavalleiro/Shutterstock.com

De 2006 a 2015, o número de imigrantes no Brasil aumentou 160%. Na imagem, celebração da independência da Bolívia realizada por imigrantes bolivianos em São Paulo.



Migrantes e refugiados

A população não se distribui pelo planeta de forma igual. Há lugares onde muitas pessoas moram e trabalham, e outros com poucos ocupantes. Essa ocupação maior ou menor vai gerar conceitos importantes para a Geografia, como o de **densidade demográfica** e **população relativa**. Enquanto o conceito geral de população medirá a quantidade de habitantes de um país, estado ou cidade, a população relativa vai dividir o número de habitantes da população geral pela superfície do território, gerando uma informação sobre o quanto é densa a ocupação do território analisado — quanto maior a densidade, maior a ocupação.

Esses dados ajudam a compreender algumas especificidades, como a de que o Brasil é um país bastante populoso, mas não possui uma alta densidade demográfica. Ao dizer que ele é muito populoso, estamos dizendo que a população geral é grande, o que é verdade, pois o Brasil está entre os cinco países mais populosos do mundo. Já ao dizer que, mesmo sendo muito populoso, ele não é densamente povoado, afirmamos que a população relativa é baixa, o que acontece, pois o Brasil é um país muito grande e não tem grandes populações em todas as regiões do seu vasto território.

Assim, quando a população total do país é dividida pelo território total, o valor resultante não é muito alto. Na prática, esses conceitos nos dizem



Campo de refugiados na cidade de Akçakale, Turquia. Fotografia feita em 2015.

que, enquanto alguns espaços do planeta estão cheios de pessoas, como os grandes centros urbanos, outros são habitados por poucas, como acontece nas regiões polares e nos desertos.

Essas diferenças na quantidade de pessoas por espaços territoriais não se referem apenas a extremos do planeta. As zonas urbanas, por exemplo, costumam ser mais povoadas do que as zonas rurais. A diferença também não diz respeito apenas a lugares muito distantes; dentro de um mesmo país, é possível que algumas regiões tenham uma ocupação mais intensa do que a outra. No Brasil, para dar outro exemplo, sabemos que a Região Sudeste possui uma ocupação mais intensa do que a Região Norte.

Entender um pouco os motivos para que alguns lugares tenham muitos moradores e para que outros sejam bem vazios vai nos ajudar a pensar também na situação de migrantes e refugiados, pois as movimentações populacionais também estão relacionadas a esses motivos. De maneira resumida, existem dois grupos de fatores que fazem com que partes do planeta sejam habitadas de formas diferentes, são eles: os **fatores físicos**, ou **naturais**, e os **fatores humanos**, também chamados **históricos** ou **socioeconômicos**.



Em alguns lugares da Região Norte do Brasil, o povoamento se restringe às áreas ribeirinhas.



Diego Grandi/Shutterstock.com

João Pessoa (PB) é a oitava cidade mais populosa do Nordeste. Nos últimos anos, houve um crescimento em sua população, principalmente filhos de pessoas de outros estados brasileiros. Também tem sido registrado um aumento no número de estrangeiros na cidade.

Para começar, pense em questões naturais. Imagine viver em um lugar muito gelado, onde as temperaturas ficassem abaixo de zero grau celsius a maior parte do ano; ou ainda em um lugar muito quente e seco, no qual a chuva fosse uma raridade; ou talvez em uma região montanhosa e de muito difícil acesso; por fim, pense em um lugar rodeado de vulcões ativos, que pudessem entrar em erupção a qualquer momento.

Morar em um lugar com características semelhantes a essas descritas não é só desconfortável: pode ser, inclusive, muito perigoso. Lembre-se de que pessoas podem ficar doentes e até morrer por causa do frio excessivo se não estiverem bem agasalhadas. O mesmo poderia ser dito do calor extremo, que também pode ser prejudicial à saúde podendo causar desidratação, entre outras complicações. Além da relação com o corpo humano, ainda é preciso pensar que, em espaços como esses, é difícil produzir o que é necessário para a alimentação, já que não há condições favoráveis para a agricultura ou para a criação da maioria dos animais.

Dessa forma, por mais que alguns lugares com as características descritas possam ser habitados, a quantidade de pessoas não costuma ser tão grande quanto em outros onde as condições naturais são favoráveis para o desenvolvimento. Essa afirmação também pode ser comprovada através da história. A maior parte das grandes civilizações que influenciaram as sociedades atuais fixaram-se e desenvolveram-se justamente em regiões que facilitam

tavam a vida dos grupos humanos, a exemplo de planícies férteis e margens de grandes rios.

A história ainda nos ensina que, antes de a humanidade chegar à construção de grandes civilizações, como a egípcia, as pessoas eram nômades, o que significa que viviam se deslocando em busca de melhores condições para a existência, principalmente lugares onde os animais para a caça e os vegetais para a coleta fossem abundantes. Esse passado viajante da humanidade já chama a atenção para um impulso que será muito discutido ao longo deste livro: o de se deslocar no espaço em busca de melhores condições para a sobrevivência.

Quando essa população nômade aprende que é possível plantar os próprios vegetais e criar os animais para o seu consumo, ela passa a ter a opção de se fixar em um lugar e, certamente, a escolha desse lugar vai levar em conta as condições para a sobrevivência não só das pessoas, mas também das suas plantações e criações de animais. Parece bastante sensato, pensando agora, que os nômades tenham escolhido regiões cujas temperaturas não fossem extremas e com acesso a água e terras férteis.



Muitas vezes, tem-se a concepção de que o nomadismo é uma forma de vida não mais praticada na atualidade, quando, na verdade, ainda existem muitos povos nômades pelo mundo. Alguns exemplos desses povos são os awá-guajá, no Brasil, e os nenets, na Sibéria (imagem).

Além dessas questões físicas e naturais, existem questões humanas ou históricas e sociais que contribuem para alguns espaços serem mais ocupados do que outros. Tais questões, ligadas à história e à influência humana, não deixam de se relacionar com as causas físicas e naturais, mas, com o passar do tempo, começaram a ser conduzidas por outros fatores.

Dissemos que, por razões naturais, grupos humanos escolheram locais que facilitavam o trabalho de garantir a sobrevivência. Depois de fixos e de conseguirem produzir o que era necessário para manter-se, as populações começavam a aumentar. Isso se dava tanto porque as pessoas passavam a ter mais filhos quanto porque um lugar habitado passa a atrair mais pessoas, uma vez que viver perto de grupos populacionais pode ser interessante para a segurança, para a geração de oportunidades e para que, em conjunto, as pessoas tenham maior possibilidade de modificar o ambiente garantindo uma estrutura, como a produção de casas, estradas e pontes.

Se na Antiguidade esses espaços de reunião de pessoas eram interessantes, na modernidade e na contemporaneidade a relação não é diferente. Nos dias de hoje, por exemplo, os centros urbanos são densamente povoados tanto por razões históricas quanto pela capacidade de atração que continuam exercendo. É nesse ponto que essa conversa sobre a ocupação e a distribuição das pessoas pelo planeta nos leva para o tema sobre o qual desejamos conversar: os migrantes e os refugiados.

Além dos grupos que historicamente ocupam um espaço, graças a razões físicas e socioeconômicas as populações podem ser acrescidas por grandes parcelas populacionais que historicamente estão associadas a outros espaços, mas que se mudam em busca de melhores condições para a sobrevivência. Na Geografia, o deslocamento de pessoas de um lugar para outro recebe o nome de **migração**.

O migrante é, em resumo, alguém que sai do seu local de nascimento e parte para outras regiões ou até outros países. A ação de migrar pode tanto ser individual como ser comum a todo o grupo, sendo chamada, nesse último caso, de **migrações em massa** ou **fluxos migratórios**. São essas migrações — que envolvem uma grande quantidade de pessoas — que despertam o interesse da História e da Geografia, pois essas duas disciplinas se ocupam em compreender os motivos dessas movimentações, bem como as modificações sociais que elas podem gerar.

Um migrante, a depender do ponto de vista do que é observado, ainda pode ser chamado de **imigrante** ou **emigrante**. O nome **imigrante** é usado pelas pessoas de um lugar para se referir a quem chega. Para os brasileiros, por exemplo, os trabalhadores italianos que vieram viver no Brasil a partir de meados do século XIX podiam ser chamados de *imigrantes italianos*. Já para os italianos, que viam seus amigos e familiares deixarem seu país de origem e atravessarem o Oceano Atlântico, essas pessoas estavam emigrando.



muratar/Shutterstock.com

Provém de Florença, na Itália, a maior família do Brasil: os Cavalcantis (ou Cavalcantes). Filippo Cavalcanti, nobre florentino, instalou-se em Pernambuco por volta de 1560 e se tornou senhor de engenho.

As migrações não se realizam apenas entre países diferentes, também podemos chamar de migrantes as pessoas que se deslocam entre regiões de um país. É o caso, por exemplo, dos nordestinos que migraram e trabalharam para a construção dos grandes centros urbanos de outras regiões do País, como o Sudeste e o Centro-Oeste. Dessa forma, as migrações também podem ser percebidas como **migrações internas e externas**, sendo internas as que ocorrem dentro das fronteiras de um mesmo país e externas a que ocorrem entre nações diferentes.

Sabemos o que é um migrante, resta agora esclarecer o que é um refugiado para que possamos continuar nossa conversa. Primeiro, precisamos deixar claro que todo refugiado é um migrante, mas nem todo migrante está na condição de refugiado. Uma primeira diferença é justamente o fato de que essa condição é passageira. Os refugiados querem se tornar imigrantes em um novo país, podendo viver em novos lugares como cidadãos de maneira permanente.

Ainda que essa diferença já seja importante e útil para diferenciar migrantes e refugiados, existem motivos ainda mais sérios para essa distinção. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), o centro da diferença está na necessidade de se deslocar. Enquanto os migrantes, especialmente os migrantes econômicos, decidem se deslocar a fim de buscar melhores condições de vida e melhores oportunidades para si e para a sua família, os refugiados não saem do seu local de origem por simples desejo, mas por necessidade.

Os refugiados precisam sair do seu país para garantir a sua sobrevivência ou preservar a sua liberdade, pois, na sua nação de origem, o Estado não é

capaz de garantir essas condições básicas. Por definição, a Convenção de Refugiados de 1951, que também criou o Acnur, estabeleceu que é refugiada a pessoa que, “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”.



Durante um protesto em Nova York a favor de refugiados, muçulmana exibe cartaz com a frase “Se você não quer refugiados, pare de criá-los”, defendendo que a condição de refugiado não é uma escolha, mas uma **consequência**, principalmente dos atos de líderes governamentais.

Assim, a situação do refugiado envolve uma grande necessidade de sair do seu local de origem, fazendo com que, nessa perspectiva, seja necessário buscar um país que se disponha a ser refúgio ou abrigo para os que precisam deixar sua casa e sua cultura.

Em resumo, podemos concluir, então, que todo refugiado está migrando, pois se deslocou do seu país de origem, mas nem todo migrante é refugiado, uma vez que a saída de alguém da sua nação pode não ser uma questão de sobrevivência ou preservação da liberdade. Outro aspecto que marca a diferença é o fato de os refugiados necessariamente saírem de uma nação para outra, enquanto os migrantes podem se movimentar dentro do mesmo país.

Saber o que são refugiados e migrantes é muito importante para entendermos algumas questões que impactam a nossa sociedade, mas, além de saber os conceitos, é preciso entender as motivações mais comuns para as correntes migratórias e as razões específicas de alguns fluxos que marcaram a história do Brasil. Também é importante pensar no que acontece quando refugiados não encontram o abrigo de que precisam e sobre as mudanças e o

enriquecimento cultural que acontecem quando eles encontram portas abertas. Chegaremos a todas essas discussões adiante, mas, por ora, é importante manter em mente o que aprendemos sobre a dispersão da população pelo planeta e sobre os conceitos de migrantes e refugiados.

Reflexão

1 Sabemos que as populações não se distribuem de maneira igual pelo planeta, isto é, temos consciência de que alguns lugares são densamente povoados enquanto outros possuem poucas pessoas espalhadas por amplos territórios. Há dois grupos de fatores que ajudam a explicar a irregularidade da distribuição de pessoas pelos territórios: os fatores naturais, ou físicos, e os fatores históricos, também chamados de fatores humanos ou socioeconômicos. Explique e traga exemplos do que são esses grupos e de como podem interferir na ocupação.

2 Organize o conjunto de termos listados a seguir, relacionando-os com a adequada definição:

- | | |
|-----------------------------|---|
| 1 – emigrante | () Pessoa ou grupo de pessoas que chega a um local diferente daquele da sua origem com a finalidade de habitá-lo. |
| 2 – imigrante | () Pessoa ou grupo de pessoas que se desloca dentro dos limites de um país. |
| 3 – migrante interno | () Pessoa ou grupo de pessoas que sai do seu local de origem com a finalidade de construir a vida em outro espaço. |
| 4 – migrante externo | () Pessoa ou grupo de pessoas que migra do seu lugar de origem a fim de garantir sua sobrevivência ou preservar a liberdade. |
| 5 – refugiado | () Pessoa ou grupo de pessoas que se desloca para além dos limites da sua nação de origem. |

a 1, 4, 2, 5, 3.

b 1, 2, 5, 3, 4.

c 2, 3, 1, 5, 4.

d 1, 2, 3, 5, 4.

e 4, 3, 1, 5, 2.

3 (Enem) As migrações transnacionais, intensificadas e generalizadas nas últimas décadas do século XX, expressam aspectos particularmente importantes da problemática racial, visto como dilema também mundial. Deslocam-se indivíduos, famílias e coletividades para lugares próximos e distantes, envolvendo mudanças mais ou menos drásticas nas condições de vida e trabalho, em padrões e valores socioculturais. Deslocam-se para sociedades semelhantes ou radicalmente distintas, algumas vezes compreendendo culturas ou mesmo civilizações totalmente diversas.

IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

A mobilidade populacional da segunda metade do século XX teve um papel importante na formação social e econômica de diversos Estados nacionais. Uma razão para os movimentos migratórios nas últimas décadas e uma política migratória atual dos países desenvolvidos são:

a a busca de oportunidades de trabalho e o aumento de barreiras contra a imigração.

b a necessidade de qualificação profissional e a abertura das fronteiras para os imigrantes.

c o desenvolvimento de projetos de pesquisa e o acautelamento dos bens dos imigrantes.

d a expansão da fronteira agrícola e a expulsão dos imigrantes qualificados.

e a fuga decorrente de conflitos políticos e o fortalecimento de políticas sociais.

4 Explique, com as suas palavras, a seguinte frase: “Todo refugiado é um migrante, mas nem todo migrante é um refugiado”.

5 (Ufscar) Leia o texto seguinte, sobre a questão das migrações internacionais e dos refugiados.

Em relação ao passado, há pelo menos três fatores que modificaram a abordagem sobre a temática dos refugiados: o fim da Guerra Fria, os atentados de 11 de setembro e o acirramento dos fluxos migratórios internacionais [...] A queda do Muro de Berlim reduziu as razões ideológicas que estavam na origem do compromisso de alguns países em abrigar refugiados e refugiadas. Por sua vez, os atentados das Torres Gêmeas de Nova York provocaram um endurecimento das políticas migratórias, inclusive aos solicitantes de proteção internacional. Finalmente, a intensificação dos fluxos migratórios, além de exarcebar medos e preconceitos xenófobos, contribui para dificultar os procedimentos de determinação da condição de refugiados.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. *Migrações internacionais contemporâneas*. Instituto Migrações e Direitos Humanos. (www.migrante.org.br). Acessado em: 02/09/2005.

O texto faz referência à questão dos refugiados e das migrações internacionais. Sua leitura permite-nos afirmar que:

- a** a queda do Muro de Berlim e o atentado das Torres Gêmeas de Nova York, por terem a mesma motivação ideológica, provocaram o endurecimento na concessão de asilo a refugiados.
- b** o compromisso de alguns países em abrigar refugiados durante a Guerra Fria decorria da orientação político-ideológica, por isso as concessões de abrigo ocorriam entre os países de um mesmo bloco político-ideológico.
- c** os preconceitos xenófobos contra refugiados decorrem do fato de que estes têm sido responsabilizados por ataques terroristas recentes, ocorridos em países receptores de migrantes.
- d** o aumento do fluxo migratório, baseado, sobretudo, em razões de ordem econômica, fez endurecer as políticas de recepção, o que acaba se refletindo na redução de concessões de asilo a refugiados.
- e** com o fim da Guerra Fria e a redução dos conflitos armados, quase não há populações na condição de refugiados, e sim migrantes econômicos que se “disfarçam” de refugiados para entrarem legalmente em outros países.

6 (Uece – Adaptada) Atente ao seguinte excerto: “O ano de 2016 se encaminha para ser o mais letal para os refugiados – pelo menos 4.700 morreram afogados tentando chegar à Europa, a esmagadora maioria na rota entre Líbia e Itália. No ano passado inteiro, foram 3.771. O total de refugiados no mundo também é recorde – 21,3 milhões de pessoas tiveram de sair de seus países, fugindo de guerras ou perseguição, segundo dados do ACNUR, a agência da ONU para refugiados. Outros 40,8 milhões são os chamados deslocados internos, ou seja, foram obrigados a sair de suas casas e se reassentaram dentro dos próprios países”.

Fonte: Folha de S. Paulo, Domingo, 18 de dezembro de 2016. Caderno Cenários ,2017.
Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cenarios-2017/2016/12/1842081-diante-de-numeros-recordes-derefugiados-brasil-precisa-ajudar-mais.shtml>.

O acontecimento noticiado representa um tipo de deslocamento geográfico da população, marcado:

- a** por uma migração que envolve questões ecológicas ou de degradação ambiental, em que as comunidades migrantes não têm possibilidade de se adaptar a certas áreas onde as condições naturais são adversas e, por isso, se deslocam para outras regiões ou países.
- b** pelo nomadismo, deslocamento populacional por meio do qual certos

grupos humanos estão sempre em movimento, buscando reiteradas vezes se desterritorializar.

c por uma mobilidade que implica o deslocamento compulsório, cada vez maior, de pessoas, destituídas de seus direitos civis em função de conflitos políticos.

d pela migração por motivos econômicos, coordenada por grupos humanos mal remunerados, que buscam, em outras regiões ou países, ganhos pela diferença de poder aquisitivo da moeda.

e pela migração por motivos econômicos, em que pessoas deixam países nos quais as remunerações são baixas em busca de salários maiores.

7 (Enem)

Texto I

Mais de mil refugiados entraram no território húngaro apenas no primeiro semestre de 2015. Budapeste lançou os “trabalhos preparatórios” para a construção de um muro de quatro metros de altura e ao longo de sua fronteira com a Sérvia, informou o ministro húngaro das Relações Exteriores. “Uma resposta comum da União Europeia a este desafio da imigração é muito demorada, e a Hungria não pode esperar. Temos que agir”, justificou o ministro.

Disponível em: www.portugues.rfi.fr. Acesso em: 19/06/2015. Adaptado.

Texto II

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) critica as manifestações de xenofobia adotadas pelo governo da Hungria. O país foi invadido por cartazes nos quais o chefe do executivo insta os imigrantes a respeitarem as leis e a não “roubarem” os empregos dos húngaros. Para o ACNUR, a medida é surpreendente, pois a xenofobia costuma ser instigada por pequenos grupos radicais e não pelo próprio governo do país.

Disponível em: <http://pt.euronews.com>. Acesso em: 19/06/2015. Adaptado.

O posicionamento governamental citado nos textos é criticado pelo ACNUR por ser considerado um caminho para o(a):

a alteração do regime político.

b fragilização da supremacia nacional.

c expansão dos domínios geográficos.

d cerceamento da liberdade de expressão.

e fortalecimento das práticas de discriminação.



Dispersos pelo mundo

Discutindo fatores históricos e direções dos fluxos migratórios

Já sabemos que as migrações são deslocamentos de pessoas no espaço, mas esse conhecimento não é suficiente para entendermos bem a questão. Ele é um bom começo, mas falta compreender a dimensão dessas migrações, assim como nos falta tentar assimilar os motivos mais comuns para que vários fluxos migratórios tenham ocorrido e ainda ocorram ao longo da história. Compreender bem esses fluxos nos leva para além de um conjunto de histórias de viagens, pois as migrações são uma importante forma de entender o mundo e as relações que se passam nele.

Para começarmos a tratar das migrações, é preciso deixar claro que esses movimentos podem ser de vários tipos. São migrações, por exemplo, as ações de sair de um país e entrar em outro, sendo esse tipo conhecido como **migrações**



Aeroporto Internacional de Changi, Cingapura. Na imagem, controle de imigração.

externas, que, como já dissemos, ainda podem ser separadas em imigrações e emigrações. Além de migrar saindo de um país, também é possível migrar dentro das fronteiras de um território nacional, sendo estas as **migrações internas**.

As migrações também podem ocorrer de um ambiente rural para o urbano, recebendo, por esse motivo, o nome de **êxodo rural**; e, entre outras, existem ainda as migrações **diárias**, ou **pendulares**, que você mesmo já deve ter realizado. Essas migrações recebem esse nome porque fazem lembrar um pêndulo, cujo movimento sai de um lugar e volta para ele mesmo. As migrações pendulares ocorrem com muita **frequência** nos grandes centros urbanos, que costumam exigir das pessoas pequenas viagens todos os dias, saindo de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

Neste livro, estamos interessados principalmente nos dois primeiros tipos de migração citados e na maneira como eles foram e são importantes para a realidade do Brasil e do mundo. Em outras palavras, desejamos tratar de fluxos migratórios que envolvem a saída e a entrada de pessoas em países distintos, com destaque para a realidade brasileira. Já sobre as migrações internas, estamos interessados nas necessidades que motivam os brasileiros a saírem do seu local de nascimento para viver em outros estados e regiões.

Este capítulo tratará das migrações de maneira geral, isto é, vamos abordar fluxos migratórios que são importantes para entendermos a realidade da população mundial na atualidade. Essas correntes migratórias globais também envolverão a história de nosso país, uma vez que, em alguns momentos da história, o Brasil foi uma região muito atrativa para grupos migrantes.



hecke61/Shutterstock.com

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2009), Pernambuco é o estado da Região Nordeste que mais tem recebido retorno de migrantes. Na imagem, cidade de Petrolina.

Povos em movimento

Falamos, anteriormente, de um passado viajante da humanidade, em referência ao nomadismo, ou seja, ao deslocamento constante em busca de caça e de outros alimentos. Ainda que o desenvolvimento de técnicas agrícolas e de outras técnicas para a criação de animais tenha feito com que as viagens não fossem mais necessárias, isso não quer dizer que os grupos nômades deixaram de existir (na verdade, eles existem até hoje) nem que as viagens deixaram de ser uma ação importante para a humanidade.

Quando estudamos a história da humanidade pelo final do século XV e início do século XVI, por exemplo, obrigatoriamente falamos sobre viagens, pois as grandes expedições através do mar passaram a ser uma ação fundamental, tendo em vista que, daqueles momentos em diante, influenciaram toda a história constituída na **sequência**. Esse foi o momento, como voltaremos a mencionar, em que as histórias do continente americano (onde fica o Brasil) e do europeu se encontraram e passaram a se influenciar.

Esse deslocamento dos europeus também pode ser chamado de migração, principalmente quando, além de expandir o comércio e explorar riquezas, os navegantes e os respectivos países de origem tinham a intenção de povoar espaços não habitados ou de se impor aos que já possuíam habitantes. Essas migrações espontâneas, impulsionadas por desejos econômicos, políticos e até religiosos, foram seguidas de um conjunto de migrações forçadas, como é o caso do grande número de pessoas que foram capturadas, escravizadas e transportadas contra a sua vontade para outros países e continentes, bem como o de populações nativas que fugiam dentro de um mesmo território, a fim de evitar um destino de dominação e escravidão.

A importância dessas viagens não está apenas naquele momento histórico. Na verdade, muito do que conhecemos hoje é herança dessas viagens

para além do mar realizadas pelos europeus. Pense, por exemplo, na realidade de qualquer um dos países do continente americano, como o Brasil, o México ou os Estados Unidos: todos eles foram colônias de nações europeias e têm essa influência marcada até hoje na sua história, no idioma falado, nas expressões culturais e alimentares, na constituição física da sua população (que inclui não só os europeus, mas também os povos que já ocupavam as terras e grupos trazidos contra a própria vontade, como os de origem africana), entre outros. É por conta dessas viagens que este texto foi escrito e está sendo lido em português, e não em tupi, por exemplo.

A realidade política e econômica de países e continentes até hoje sofre influência desse período, seja pelas vantagens conferidas a alguns grupos e pelo enriquecimento e desenvolvimento que foi construído a partir daí, seja pela desestabilização, pelo empobrecimento e pela destruição que muitos grupos explorados não conseguiram superar. Muitos países da América, da África, da Ásia e da Oceania não podem ser plenamente entendidos sem considerar a influência das grandes viagens europeias e da mentalidade imperialista que vigorava nos países europeus no período.

As modificações, originadas pelos encontros que ocorreram nesse período, fazem com que alguns historiadores indiquem que foi a partir dessa Era das Grandes Navegações que o mundo passou a viver uma realidade global. Em outras palavras, alguns estudiosos acreditam que foi nas Grandes Navegações que se iniciou o fenômeno hoje chamado **globalização**.



Percebemos a globalização do comércio atual com a difusão das redes de *fast-food* norte-americanas. Na imagem, vemos uma McDonald's na Índia, país que não consome carne bovina, e, portanto, o restaurante fornece um cardápio vegetariano, contando também com outros tipos de carne, como a branca.

Neste momento, é interessante chamar a atenção para um fato que algumas vezes não é percebido. Hoje, quando falamos de fluxos migratórios, parece óbvio que os países em melhor situação de desenvolvimento, como os países europeus, são naturalmente espaços para o recebimento de migrantes. Mas, se pensarmos um pouco, partindo do período mencionado (final do século XV e início do XVI) até pelo menos a primeira metade do século XX, veremos que foram os europeus os principais emigrantes.

Além da ação imperialista — que fez com que muitos europeus saíssem do seu país e, com o uso da força, impusessem seu domínio sobre povos de outras regiões, transformando-os em colônias —, os europeus também migraram em grandes contingentes entre os séculos XVIII e XIX, além da primeira metade do século XX, fugindo de condições que não eram muito diferentes das realidades de que foge hoje um grande número de refugiados.

Em outras palavras, os europeus também fugiram de guerras e desestabilizações políticas e econômicas e de perseguições religiosas. Entre o século XVIII e a primeira metade do século XX, estudiosos afirmam que cerca de 60 milhões de europeus migraram para várias partes do mundo, principalmente para a América e para a Oceania. As duas guerras mundiais, entre outros conflitos e acontecimentos, ajudam a explicar o sentido desses fluxos migratórios. Somente depois desse período delimitado, a Europa deixou de ser um centro de envio de migrantes e passou a ser o destino ou o sonho de muitos viajantes.



A Flórida, nos Estados Unidos, é onde se concentra uma grande parcela de brasileiros, que migraram em busca de oportunidades, segurança e qualidade de vida. As duas regiões da Flórida que mais congregam brasileiros são Loch Lomond e Avalon.

Na atualidade, países como os europeus e os Estados Unidos passaram a ser os principais destinos das migrações. Entre os motivos preponderantes, estão as grandes desigualdades socioeconômicas que diferenciam a realidade desses países e a de outros, dos quais muitos não conseguiram se recuperar ou mesmo se estabilizar depois dos grandes períodos de exploração pelos quais passaram. Assim, compreender a história de exploração das nações de onde partem os migrantes atuais é essencial para entender a complexidade desses fluxos.

Já podemos perceber, pelo pouco que já foi dito, que os fluxos migratórios da atualidade podem ser diferenciados, quanto às suas motivações, dos fluxos que ocorreram entre os séculos XVI e XVII, por exemplo. Enquanto em algumas das movimentações mais antigas, pessoas de nações poderosas buscavam novas fontes de riqueza e espaços a serem explorados, nas migrações mais comuns atualmente os povos partem de lugares pobres e sem oportunidades não em busca de explorar riquezas não exploradas, mas a fim de alcançar mínimas condições de sobrevivência.

Assim, no momento atual, muitos migrantes podem ser classificados como **econômicos**, isto é, os que se deslocam em busca de melhores condições de trabalho e de sobrevivência, sendo seus principais destinos os países mais desenvolvidos, a exemplo dos já citados países europeus e os Estados Unidos. Este último é o país que mais recebeu imigrantes em toda a história (a população é formada por grandes quantidades de povos de origem **europeia**, além de asiática, africana e dos povos indígenas ou nativos **norte-americanos**).

Na época presente, os latino-americanos formam a maior quantidade de imigrantes em solo estadunidense, o que não quer dizer que o país seja receptivo com todos os que tentam chegar lá. As autoridades dos Estados Unidos são muito restritivas na concessão de visto de entrada e até mesmo para autorizar visitantes de alguns países latino-americanos, africanos e asiáticos. Mesmo com todo o controle, estima-se que imigrantes de muitas nacionalidades continuam chegando ao país em grande quantidade, por meio do ingresso ilegal em regiões de fronteira.

Mesmo com a construção de muros, cercas e pontos de fiscalização que visam inibir os imigrantes ilegais, tanto os Estados Unidos quanto os países europeus não conseguem barrar e impedir todos os que tentam entrar. A respeito da realidade europeia, no fim dos anos 1980, nas proximidades do fim da Guerra Fria, a desestruturação das tentativas de sistema socialista levou milhares de pessoas do leste europeu a buscarem melhores condições de vida e trabalho na Europa Ocidental.



Com as novas leis de imigração nos Estados Unidos, boa parte da população protesta em favor das famílias constituídas por imigrantes no país.

Outros pontos de saída de imigrantes em direção à Europa são os países do norte da África, com destaque para os países do Magreb (Marrocos, Argélia e Tunísia). Alguns migrantes desses países atravessam o Mar Mediterrâneo, que separa o sul da Europa do norte da África, em embarcações irregulares, superlotadas e inseguras, que, muitas vezes, naufragam e levam muitas pessoas à morte.

Desde a segunda metade da década de 1990, diversos países da União Europeia têm adotado duras políticas de fechamento das fronteiras para imigrantes e até para refugiados. Essas restrições, somadas às situações de desestabilidade, guerras, violência e perseguições vividas por países da África e da Ásia, têm contribuído para que o mundo viva na atualidade uma grave crise envolvendo migrantes e refugiados.

O fechamento das fronteiras, tanto no caso dos Estados Unidos quanto no da União Europeia, é, muitas vezes, justificado pelo temor que esses países mais desenvolvidos têm de que a chegada de grande quantidade de pessoas pudesse desestabilizar o seu equilíbrio político e econômico. Por conta dessa visão, que aponta o imigrante que já está no país e o que deseja entrar como causadores dos problemas locais (atribuição que, na maioria das vezes, excede o real impacto e exagera a quantidade de imigrantes), muitas vezes são gerados sentimentos e reações negativas a quem é de fora. Esse conjunto de reações pode ser entendido pelo conceito de **xenofobia**.

Segundo a definição proposta pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), ao qual nos referimos antes, a xenofobia é um conjunto de “atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e frequentemente difamam pessoas, com base na percepção de que eles são estranhos ou estrangeiros à comunidade, sociedade ou identidade nacional”. Assim, o medo ou ódio disseminado em relação a um grupo de pessoas e baseado em diferenças geográficas, linguísticas e étnicas constitui a xenofobia.

Esse comportamento é um tipo de violência que pode atingir os imigrantes tanto de maneira física quando simbólica, através de manifestações de desprezo, de desvalorizações ou preconceitos e de um mal-estar em torno da sua presença. A xenofobia é um dos fatores que dificultam ainda mais a vida dos imigrantes, fazendo com que sejam considerados pessoas “inferiores”.

Os imigrantes irregulares são ainda mais atingidos por esse sentimento de rejeição, pois nessa situação eles têm menos acesso a proteções, estando mais facilmente expostos à insalubridade nos locais de trabalho, além de pouco ou nenhum acesso aos sistemas de saúde, moradia, educação, segurança e defesa social. Em alguns casos, inclusive, pessoas que deixaram seu país em busca de melhores condições de trabalho podem ser sujeitadas a condições sem qualquer humanidade, como o trabalho escravo.

Por que a xenofobia existe?

Estudos acerca da xenofobia têm atribuído o ódio a estrangeiros a várias causas:

- O medo de perder *status* social e sua identidade.
- A ideia de que estrangeiros apresentam uma ameaça ao sucesso econômico do cidadão, como o medo de que os migrantes tomem vagas de trabalho.
- Um modo de reassegurar a identidade nacional e seus limites em tempos de crise.
- Um sentimento de superioridade.
- Pouca informação intercultural (o desconhecimento em relação ao estranho/estrangeiro e sua diferente aparência, cultura e costumes faz o indivíduo percebê-lo como ameaça).

A xenofobia basicamente deriva, portanto, da **ideia** de que não cidadãos apresentam algum tipo de ameaça à identidade ou aos direitos individuais do cidadão que a sente, e se conecta com o conceito de **nacionalismo**. Duas frases características de discursos xenófobos, em geral associados à ultradireita, são “defenda a sua identidade” e “defenda os seus direitos”, reforçando a ideia de que estrangeiros corrompem a identidade nacional e, ao reivindicar para si direitos individuais, estariam retirando-os dos nativos.

A percepção de cada cidadão em relação aos estrangeiros também pode variar conforme a posição da pessoa na estrutura social, sua interação direta ou indireta com imigrantes, as informações que lhe são transmitidas pelos meios de comunicação e o discurso político mais difundido no momento.

Fonte: <http://www.politize.com.br/xenofobia-o-que-e/>. Acesso em 24/09/17. Adaptado.

Ainda que o sentimento xenófobo seja comum, não é correto afirmar que todos os moradores de países ricos pensam dessa forma. Nos mesmos períodos em que grupos xenófobos e neonazistas promovem atentados e demonstrações de intolerância, grupos opostos se organizam para protestar contra a onda de preconceito, reconhecendo a necessidade de incluir os migrantes e refugiados.



Na primeira imagem, grupo de britânicos protesta a favor de refugiados, pedindo que não culpem o terror às pessoas, mas a própria guerra. Por outro lado, parte dos americanos **apoia** a decisão do Presidente Donald Trump de fechar as fronteiras contra a imigração.

Ainda sobre as correntes migratórias impulsionadas por razões econômicas, é importante fazer mais duas observações. A primeira delas é que nem sempre os migrantes são pessoas em situação de extrema pobreza, até porque mesmo os transportes irregulares custam valores insustentáveis para alguns grupos, de forma que, em geral, é a população de renda média que se desloca por razões econômicas.

A segunda observação, por sua vez, volta-se para os migrantes que fogem por razão de pobreza absoluta. Nesses casos, muitas vezes os que buscam alguma oportunidade em outras nações não têm condições de arcar com longas viagens, costumando buscar oportunidades em territórios mais próximos, e muitos deles também sofrem com situações pouco promissoras.

Os motivos econômicos estão, certamente, entre os que mais estimulam as migrações. No passado, como vimos, as migrações econômicas mais comuns tinham como objetivo descobrir e explorar riquezas de outras regiões. Já na atualidade, as migrações econômicas mais vistas têm sido estimuladas tanto por **fatores estruturais**, como a falta de oportunidades e perspectivas de progresso para as pessoas, ou por **fatores conjunturais**, a exemplo de crises, revoluções, perseguições ou outras questões ligadas a circunstâncias e acontecimentos que dificultam a vida econômica de uma localidade.

Além dos motivos econômicos, há outros estímulos para as migrações que precisam ser destacados, como motivos políticos. Pessoas podem migrar devido a situações políticas em seu país de origem. Em momentos de guerra, para citar alguns exemplos, divergências e perseguições ideológicas podem forçar migrações, assim como populações inteiras podem ser expulsas por causa de conflitos que não se encerraram de forma pacífica.

Durante a consolidação de regimes autoritários em países europeus, a exemplo dos que ocorreram na Alemanha e na Itália, muitos intelectuais, políticos, artistas e outras pessoas com grande ou pequeno envolvimento político tiveram de emigrar por questões políticas. De forma semelhante, durante a ditadura civil-militar que aconteceu no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, muitos brasileiros precisaram se tornar imigrantes em outras terras.

Muitas migrações também ocorreram motivadas por conflitos religiosos e étnicos. Nessas situações, pessoas são perseguidas pela sua religião ou etnia, precisando abandonar sua terra natal para garantir a sobrevivência. Esses casos, bem como os anteriores (migrações por motivos políticos), costumam gerar uma situação de necessidade em que os migrantes precisem ser percebidos não só como pessoas que se movimentam, mas como pessoas que precisam de refúgio.

Um último conjunto de motivos que precisa ser citado como importan-



Assim como em São Paulo, em Nova York existem bairros quase que exclusivos de imigrantes. Na foto, vista de Mulberry Street, também conhecida como Pequena Itália, em 1900.

te no estímulo às migrações é de ordem ambiental. Esses motivos têm ganhado cada vez mais atenção devido aos grandes impactos ambientais que as sociedades contemporâneas têm presenciado e, ainda mais, pelo fato de alguns deles terem relação com a intervenção humana.

Essas causas se referem a modificações ambientais que fazem com que um espaço deixe de ser habitável. Adversidades como enchentes, desaparecimento de ilhas (causadas pela elevação do nível do mar), secas, terremotos e erupções vulcânicas são exemplos de catástrofes ambientais com causas naturais. Além delas, todavia, é possível listar causas de migrações ambientais provocadas pela humanidade, como quando a construção de uma represa alaga uma região, ou ainda desastres nucleares, derramamento de substâncias tóxicas e processos de desertificação.

Resumidamente, podemos concluir que existem muitos motivos para as migrações. Por mais que os desequilíbrios econômicos e sociais estejam entre as suas principais causas, não devemos deixar de considerar que essas movimentações ainda podem ter motivações políticas, religiosas ou étnicas e ambientais.

Aprendemos, nesta seção, que, ao longo da história da humanidade, muitas movimentações ocorreram e que os destinos comuns para os migrantes de hoje não são, necessariamente, os mesmos de décadas e séculos atrás. A Europa, por exemplo, foi um importante centro de emigrantes, entre os séculos XVI e início do século XX; hoje, entretanto, está entre os destinos mais procurados.

Mesmo com os seus passados migrantes, que influenciaram toda a história do planeta, países europeus e mesmo os Estados Unidos, país que mais recebeu migrantes na história, têm estabelecido restrições para os migrantes e refugiados da atualidade. As barreiras impostas, entretanto, não conseguem garantir que a migração não ocorra. Os desenvolvimentos tecnológicos, principalmente nos setores de transporte e comunicações, são, em via oposta, estímulos à migração, uma vez que proporcionam facilidades para uma aproximação física e para o reconhecimento de realidades distintas.



Reflexão

1 Os fluxos migratórios são uma importante forma de compreender o mundo, as diferentes situações políticas, sociais e econômicas de grupos populacionais e a relação entre essas realidades diferentes. A partir de diversas formas de migração, os grupos humanos têm se deslocado ao longo da história. Considerando que há várias formas distintas de migrar, marque a alternativa que **não** representa uma delas.

a O êxodo rural é um tipo de migração que consiste na saída de um ambiente rural em direção ao urbano. Entre os importantes motivos que incentivam esse tipo de migração estão o processo de industrialização, gerando mais empregos nos centros urbanos, e a mecanização do trabalho agrícola, reduzindo a necessidade de **mão de obra** no campo.

b As migrações dizem respeito a movimentos populacionais amplos. Assim, o termo **migração** não pode ser utilizado para se referir a pequenos deslocamentos diários, como a saída de uma cidade para trabalhar na cidade vizinha.

c Os termos **imigrantes** e **emigrantes** são como faces de uma mesma moeda, ou seja, constituem dois lados de uma mesma ação. Uma mesma pessoa que migra pode ser considerada, ao mesmo tempo, emigrante e imigrante, a depender do ponto de vista.

d O êxodo rural que ocorre quando, por exemplo, um grupo deixa uma cidade interiorana no Estado de São Paulo para se destinar à capital paulista, a fim de alcançar melhores oportunidades de trabalho nesse centro urbano, também pode ser chamado de migração interna.

e As migrações externas são aquelas que envolvem mais de um país, pois os que migram não se limitam a movimentar-se dentro dos limites do estado nacional em que nasceram, mas se deslocam em direção a outros países.

2 O termo **globalização** é constantemente associado a ocorrências muito contemporâneas, como os grandes desenvolvimentos de tecnologias de telecomunicação, fazendo crer que o fenômeno da globalização é algo sempre muito novo. Entretanto, tomando a globalização como um processo de aproximação de povos de todo o globo e, **consequentemente**, das suas

economias, sociedades, culturas e políticas, alguns historiadores apontam o período das Grandes Navegações (final do século XV e início do XVI) como marco histórico da globalização. Explique a posição desses historiadores relacionando a expansão marítima à globalização.

3 (Espcex – Adaptada) “Nas últimas décadas do século XX, o número de migrantes internacionais aumentou de forma significativa [...] por causa das disparidades econômicas entre os países.”

TERRA, L; ARAÚJO, R; GUIMARÃES, R. *Conexões: estudos de Geografia Geral*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2009, p. 327.

Sobre as migrações no contexto da globalização, podemos afirmar que:

- I. a globalização tem facilitado as migrações, devido tanto à redução do custo dos transportes quanto à expansão dos meios de comunicação.
- II. embora os Estados Unidos e o núcleo mais próspero da União Europeia sejam as duas maiores zonas de atração de fluxos migratórios do mundo, outros países, mesmo sem serem tão desenvolvidos, são responsáveis por receber grandes fluxos de migrantes.
- III. a crescente necessidade de mão de obra imigrante por parte da Europa tem levado os países desse continente a estimular a imigração através de políticas imigratórias menos seletivas.
- IV. países como México, que possuem um grande fluxo emigratório, costumam receber remessas financeiras de seus milhares de emigrados, o que constitui uma importante fonte de divisas para esses países.

V. as restrições cada vez mais rígidas impostas pelos países desenvolvidos à imigração clandestina, aliada à constante vigilância de suas fronteiras, têm impedido o crescimento do número de imigrantes ilegais no mundo.

Assinale a alternativa em que todas as afirmativas estão **corretas**.

- a I e III.
- b III e IV.
- c I, II e IV.
- d II, III e V.
- e I, IV e V.

4 (UFPR) Envolvendo trabalho, política, imaginário, saúde, cultura, redes, desejos, gênero etc., desde Marcel Mauss ([1950], 2005) e Abdelmaleck Sayad (1998) se compreende a migração como um fato social total. [...]. A mobilidade do trabalho há tempos constitui um dos principais fatores das migrações. Mais recentemente, embora perceptíveis já há algum tempo, políticas migratórias transnacionais, guerras, conflitos étnicos e religiosos, mudanças climáticas e orientação sexual têm se destacado como motivações relevantes de fluxos migratórios e como chaves de análise para a sua melhor compreensão e formulação de políticas públicas voltadas a migrantes, apátridas, deslocados e refugiados.

Fonte: *Travessia* – Revista do Migrante, n.77, jul.-dez./2015, p. 5.

Com base no trecho acima e nos conhecimentos sobre o fenômeno da migração internacional, faça o que se pede.

a. Escreva um pequeno texto explicando por que migrantes e refugiados algumas vezes são considerados como um problema para os países de destino.

b. Caracterize e diferencie **migrantes econômicos e refugiados**. Dê exemplos, no contexto do mundo atual, de um caso de migração econômica e de um caso de fluxo de refugiados, identificando suas causas principais.

5 (FGV-RJ) Mais de três quartos dos migrantes internacionais vão para um país com um nível mais elevado de desenvolvimento humano do que o do seu país de origem. Porém, são significativamente restringidos por políticas que impõem obstáculos à sua entrada e pela escassez de recursos disponíveis que lhes permitam a deslocação. As pessoas de países pobres são as que menos se mudam: por exemplo, o número de africanos que se mudou para a Europa é inferior a 1%.

ONU/PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009*. Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humano. Coimbra: Almedina, 2009. p. 2.

Considerando o texto e os seus conhecimentos sobre os deslocamentos populacionais, assinale a alternativa **correta**.

- a** As desigualdades mundiais em termos de desenvolvimento econômico não afetam os fluxos migratórios, já que a taxa de emigração é praticamente nula nos países mais pobres.
- b** Ainda que não afete os países mais pobres, a migração a partir de países em desenvolvimento em direção aos países desenvolvidos constitui a quase totalidade dos deslocamentos populacionais da atualidade.
- c** Os trabalhadores com poucas qualificações têm mais facilidade em se

estabelecer legalmente nos países desenvolvidos, já que os migrantes qualificados disputam, com os nativos, os melhores empregos.

d A taxa de migrantes internacionais entre a população mundial triplicou nos últimos 50 anos, acompanhando a intensificação dos fluxos de capitais e informações associados à globalização.

e Entre as razões que limitam as taxas de emigração dos países mais pobres, destacam-se os elevados custos de transporte e as restrições políticas à travessia de fronteiras internacionais.

6 (Unioeste) Sobre o fenômeno migratório, leia as afirmativas abaixo:

- I. Os movimentos migratórios podem ser espontâneos ou forçados; um exemplo deste último tipo de migração é a dos refugiados de guerra.
- II. Pode-se chamar de refugiados ambientais aos migrantes que deixam lugares por problemas ambientais que dificultam as condições de vida, como a seca, a desertificação, enchentes, etc.
- III. O fator trabalho é uma das razões centrais para os movimentos migratórios. É motivo, por exemplo, para a emigração de brasileiros para os EUA.
- IV. A Europa foi um importante foco de imigração a partir do século XV até aproximadamente a metade do século XX, recebendo imigrantes das colônias e ex-colônias, que buscavam as boas condições de vida nas cidades **européias**. Atualmente, este continente transformou-se em área de emigração, com pessoas que se dirigem em busca de novas oportunidades em outros continentes, como o americano, o africano e o asiático.
- V. O Brasil, no século XIX, foi área de atração de imigrantes que buscavam novas oportunidades, sendo o maior grupo o de origem latino-americana (paraguaios, argentinos, bolivianos, etc.).

Assinale a opção que contem as afirmações **corretas**.

a I, II e III.

b II, III e IV.

c III, IV e V.

d IV e V.

e V e I.



Em direção ao Brasil

Se pensarmos nas três grandes matrizes que ajudaram a formar a identidade nacional (os indígenas, ou nativos brasileiros, os africanos e os portugueses) veremos que, de uma forma ou de outra, as viagens podem ser percebidas como um elemento importante na identidade e no motivo de aproximação desses povos. Foram viagens que fizeram com que as terras, que hoje são brasileiras, passassem a ser conhecidas no continente europeu, pois a forte relação entre os portugueses e o mar, bem como o desejo expansionista da época, fez com que Portugal fosse pioneiro na expansão marítima, ou seja, a primeira nação a se lançar ao mar em busca de conhecer o mundo e encontrar riquezas.

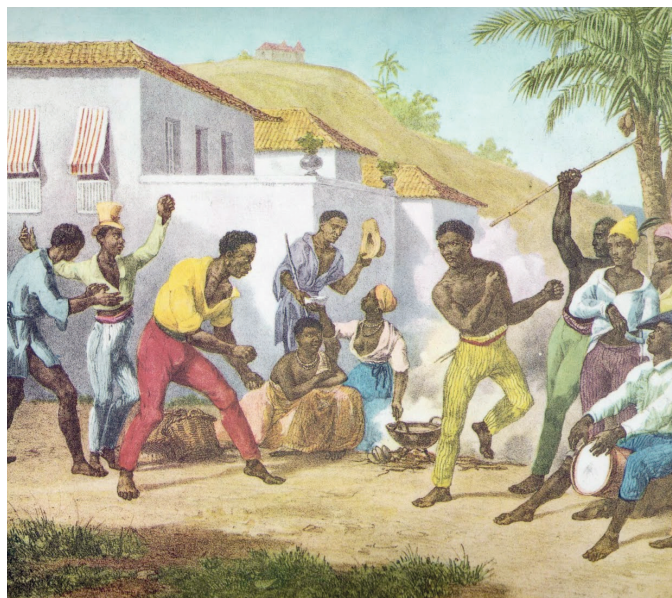
Em uma viagem como essa, os portugueses chegaram a terras que no futuro seriam chamadas de Brasil e, ao chegar aqui, encontraram outros povos viajantes, pois alguns dos grupos indígenas que já habitavam o território eram nômades. Entre os povos que aqui viviam estavam o da família **linguística Tupi-Guarani**, isto é, povos cujos idiomas possuíam uma origem comum, assim como o português e o espanhol se originaram do latim. Entre esses povos, estavam potiguaras, tamoios, tupinambás e os tupis-guaranis. Cada um desses grupos possuía características que os distinguiu, mas também tinha alguns



Duba DP/Shutterstock.com

traços comuns, como a crença na existência de uma Terra sem Males, o que fazia com que os tupis-guaranis migrassem para leste, em direção ao mar.

A esses dois povos viajantes, juntou-se ainda uma terceira matriz: a africana. Assim como dissemos sobre os nativos brasileiros, os grupos africanos também não podem ser vistos como um tipo único. Quando os portugueses e outros europeus chegaram ao continente africano, encontraram não só grandes e poderosos impérios, que se expandiam, e pequenas aldeias, agrupadas por laços de parentesco, mas também pequenos grupos que viajavam para comerciar, bem como para desenvolver agricultura e encontrar melhores localidades para o pastoreio dos rebanhos. Os diversos povos africanos possuíam sofisticadas rotas que permitiam a viagem pelo continente, entretanto, além destas, foi uma viagem externa que os levou para as terras americanas.



Reprodução

Capoeira ou a dança da guerra, de Johann Moritz Rugendas, século XIX. Além de manter muitos africanos sob sua dominação na África, os portugueses também trouxeram milhares deles como escravos para o Brasil no período de colonização.

Diferentemente das viagens realizadas pelos portugueses (que eram motivadas pelo desejo de expansão, de conquista e de conhecimento), sabemos que as viagens dos vários povos africanos foram marcadas por sentimentos muito distintos. A privação de liberdade, os maus-tratos e o temor pelo destino desconhecido e não escolhido marcaram essa matriz que ajudou a constituir o Brasil, ao mesmo tempo que fez surgir, na composição da identidade nacional, um sentimento muito conhecido pelos migrantes, a saudade de casa.

Além desses três grupos de viajantes, outros povos se somaram e contribuíram para o estabelecimento da identidade nacional. Ainda que os portugueses e os povos de origem africana também possam ser chamados de migrantes, e especificamente de imigrantes (os primeiros espontâneos e os segundos forçados), chamaremos a atenção para outros povos e para as situações históricas que fizeram com que, em alguns períodos, o Brasil recebesse mais ou menos pessoas.

Depois desse primeiro momento migratório (envolvendo portugueses, colonizadores; africanos, escravizados; e indígenas, excluídos de suas posses e da formação do país), outras quatro importantes fases podem ser organizadas. Certamente, há bem mais do que quatro momentos a destacar, entretanto, para fins didáticos, vamos apontar marcos que nos ajudarão a compreender, em linhas gerais, características que incentivavam ou desestimulavam a migração com destino ao Brasil.

Antes de avançarmos para os marcos temporais das migrações em direção ao Brasil, é preciso pensar um pouco sobre os processos migratórios como uma ação global ou, como conceitua o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, como um “processo total”. O que ele quer dizer com isso é que, em todos os grandes ciclos migratórios, existem razões para deixar a terra onde se nasceu, assim como motivos para se aventurar em direção a um espaço específico. Logo, as migrações devem ser pensadas sempre tanto a respeito do que expulsa ou impulsiona quanto do que atrai.

Veremos que, nesses períodos, uma grande quantidade de europeus chega ao Brasil e, seguindo a perspectiva do sociólogo acima, é preciso pensar no que fazia esses povos quererem deixar sua terra, bem como no que tornava o Brasil um destino interessante. Mais adiante, trataremos dos motivos relacionados a cada grupo, mas, de maneira geral, podemos apontar que a Europa foi assolada por uma crise econômica entre o fim do século XIX e o início do século XX. Em alguns países, como a Itália e a Alemanha, essa crise ainda foi potencializada pela unificação tardia, seguida de uma Revolução Industrial tardia, que estimulou o crescimento das cidades, mas produziu um grande quantitativo de homens do campo e pequenos artesãos desempregados.



Reprodução

Imigrantes europeus no pátio central da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, século XIX.

Nesse sentido, já fica mais fácil compreender o que fazia do Brasil e de outras regiões da América um destino interessante. As muitas terras desocupadas e os centros urbanos em desenvolvimento inicial alimentavam a impressão de um país a ser construído, no qual os agricultores e lavradores não seriam ultrapassados, como eram na Europa, mas uma **mão de obra** importante e desejada. Agora, tendo em mente que toda migração envolverá situações que expulsam e que atraem, podemos seguir viagem e pensar nos principais momentos de chegada dos imigrantes.

Italianos

Pensar sobre a imigração italiana para o Brasil não é pensar apenas na chegada de milhares de pessoas que trouxeram contribuições culturais, políticas e trabalhistas. De fato, a imigração italiana marcou de maneira muito intensa a identidade nacional, pois até hoje comidas e bebidas dessa origem são muito populares no País, estando entre as preferidas de muitos brasileiros (é o caso das *pizzas*, lasanhas, macarronadas, além de molhos, frios, queijos e vinhos). Os italianos também deixaram marcas na forma de falar, no pensamento político brasileiro e no desenvolvimento inicial de uma cultura trabalhista e sindical. Mas é necessário ir além dessas marcas para entender a real importância da relação Brasil-Itália.

Essa relação é tão mais importante, pois, na verdade, não houve a saída de italianos em direção ao Brasil, mas, sim, o encontro de dois grupos que ainda não tinham consolidado sua identidade nacional e que

fizeram isso juntos. Em outras palavras, os imigrantes que nós conhecemos como italianos deixaram um Estado que tinha acabado de se unificar e tentava disseminar uma identidade comum e, ao chegarem aqui, também encontraram um país jovem, que havia se tornado independente há pouco tempo e também tentava constituir uma identidade nacional.

O que torna a história conjunta do Brasil e da Itália realmente diferenciada é que esse encontro ajudou a consolidar a identidade dos dois jovens países. Ao partirem para o Brasil, muitos imigrantes não



Reprodução

Retrato da família Boff expondo seus produtos agrícolas numa colônia de imigrantes em Caxias do Sul em 1903. Essa cidade gaúcha recebeu muitos italianos da região do Vêneto.

Primeira fase migratória (1808–1849)

O primeiro marco temporal para a vinda de imigrantes para o Brasil foi o ano de 1808. Nesse momento, como você lembra pelas suas aulas de História, a situação política na Europa, relacionada ao domínio de Napoleão, fez com que a família real portuguesa viesse se estabelecer no Brasil. E esta não foi uma mudança de endereço qualquer, pois a vinda da Corte implicava que uma série de proibições anteriores precisasse ser revista, afinal a Corte portuguesa não deveria viver em um lugar atrasado.

se sentiam italianos, mas, antes disso, vênetos, sicilianos, campânicos ou calábrios. Ao chegarem aqui é que foram todos tratados como italianos e viram, nos outros imigrantes, mesmo de diferentes regiões, uma identidade comum.

As diferenças regionais não foram apagadas. Nas

primeiras décadas do século XX, as comemorações e festas vinculadas a festas nacionais italianas começaram a atrair cada vez mais pessoas. A unidade cultural que a Itália desejava implantar no seu próprio território começava a se formar com facilidade nas colônias italianas no Brasil. Essa unidade foi materializada na constituição de clubes, jornais e até sociedades esportivas, que aproximavam os italianos e reforçavam seus traços culturais. Desses clubes esportivos, descendem alguns importantes times de futebol da atualidade, a exemplo do Palmeiras (SP) e do Cruzeiro (MG).

Assim, a vinda dos italianos para o Brasil não foi importante apenas pelos trabalhadores que foram **mão de obra** da lavoura de café ou das fábricas nem apenas pela mistura positiva aos hábitos alimentares e à cultura política e trabalhista, mas, antes disso, porque a Itália e o Brasil se ajudaram mutuamente a entender o que é a Itália e o que é o Brasil.



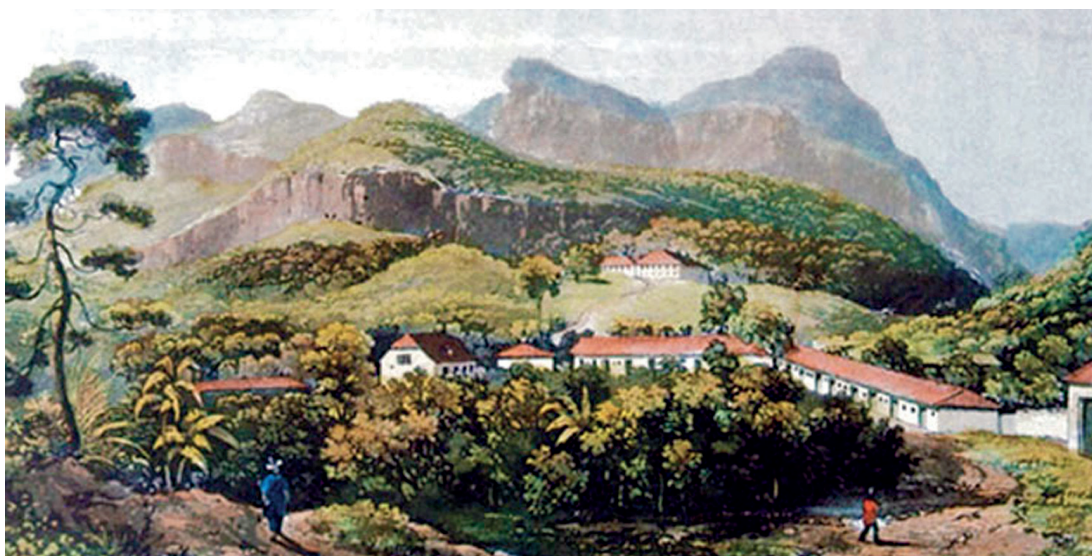
Crianças de escola italiana em Campinas, São Paulo, no início do século XX.

Assim, as mudanças que vieram junto com os portugueses incluíram alterações na estrutura da cidade, da construção de casas particulares e até de espaços para uso coletivo, como teatro e passeios públicos. Também são desse período a fundação de bancos e observatórios astronômicos, a permissão para a existência de uma imprensa régia e a circulação do primeiro jornal oficial do Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Além desse conjunto de mudanças, que tinham em comum o desejo de tornar o Rio de Janeiro mais parecido com os centros urbanos da época, outro aspecto precisa ser destacado não só por ser uma das mais importantes modificações, mas também por ser especialmente impactante para a vinda de migrantes para o Brasil: a abertura dos portos.

Com essa abertura, a oferta de produtos e serviços foi potencializada, e, assim, um comércio crescente começou a modificar a rotina da cidade.

Em muitos romances, que retratam a vida no Brasil dessa época ou mesmo depois — a exemplo de obras como as de José de Alencar e Machado de Assis —, é comum lermos sobre uma Rua do Ouvidor, que era um importante espaço comercial, bem como lugar de encontro, de vivência social. Citar essa rua é importante para consolidar a **ideia** de um Brasil que começava a desenvolver espaços e atrações urbanas, pois ambos também influenciaram na vinda de estrangeiros.

Da mesma forma que chegavam mercadorias em embarcações vindas da Europa, começaram a chegar os primeiros imigrantes. D. João VI, preocupado com a ocupação do Rio de Janeiro, trouxe pessoas da Suíça e da Alemanha. Em 1818, foi criada a primeira colônia de estrangeiros no País, era uma colônia de suíços estabelecida próxima ao Rio de Janeiro e que deu origem à atual cidade de Nova Friburgo, que, assim como outras formações desse período, guarda até hoje traços da influência estrangeira, seja na arquitetura dos espaços, seja pela cultura local.



Reprodução

Início da formação da colônia de suíços e alemães em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, anteriormente povoada pelos indígenas goytacazes.

Além dessas colônias próximas à capital, que na época era o Rio de Janeiro, D. João VI também estava preocupado com a necessidade de ocupar outras regiões do País, com destaque para o sul, onde o isolamento facilitava que as fronteiras fossem esquecidas e desconsideradas pelos vizinhos. Pela necessidade de ocupar o Brasil, a Coroa portuguesa subsidiou, nesse período, a vinda de muitos imigrantes. Entre 1824 e 1830, por exemplo, entraram aproximadamente 7 mil alemães, destinados a ocupar e garantir que o território mais ao sul continuasse sendo propriedade portuguesa.

Alemães

Mesmo não tendo chegado em quantidade tão grande quanto outros povos, como os italianos, os portugueses e os espanhóis, os alemães desempenharam papéis muito importantes na construção do Brasil e na formação de identidades regionais. Isso pode ser visto com muita facilidade ao pensarmos na influência alemã para a cultura, a organização social, os hábitos e as características físicas dos brasileiros da Região Sul e de parte do Sudeste.

Os alemães que desembarcaram no Brasil chegaram em duas principais fases. Para os primeiros, não faltavam motivos para deixarem o seu país. Isso porque o grupo inicial saiu de uma Alemanha em crise provocada por secas, guerras internas e doenças que elevaram as taxas de desemprego.



Um fato importante sobre a primeira fase da imigração alemã é que uma parte dos alemães que saíram de Hamburgo (imagem acima) para o Brasil era composta de ex-prisioneiros.

Assim como no caso dos italianos, os alemães vinham de um país que acabara de se unificar, na verdade alguns chegaram antes mesmo da consolidação. Com essa unificação, veio também uma industrialização tardia em relação a outros países da Europa, e uma onda de desemprego atingiu trabalhadores do campo. Foram justamente estes os alemães que vieram ao Brasil nesse primeiro momento. Esses alemães

eram principalmente agricultores e se destinaram às regiões Sul e Sudeste, onde organizaram colônias rurais.

Os imigrantes alemães contribuíram de maneira decisiva para a ocupação da Região Sul do País e de regiões interioranas até então desocupadas. Além de se fazerem presentes nessas áreas, eles também foram muito importantes por produzir alimentos e outros produtos voltados para o mercado interno.

O segundo grupo de imigrantes alemães que chegou ao Brasil em grande quantidade deixou seu país nas primeiras décadas do século XX. Assim como os primeiros, esse grupo deixou para trás um país em crise. Sabemos, pelo estudo da história, que a Alemanha passou por uma severa crise da década de 1920. Além de ter o país e grande parte da população destruídos após a Primeira Guerra Mundial, os alemães ainda sofriam pelas duras punições impostas ao serem derrotados nessa mesma guerra.

As taxas de desemprego e a inflação eram altíssimas. Em 1923, por exemplo, 1 dólar chegou a valer 4,2 bilhões de marcos, tão grande era a desvalorização da moeda. Quando os Estados Unidos começaram a investir na reestruturação da Alemanha, a situação começou a melhorar, mas, depois da Crise de 1929, a ajuda deixou de chegar, e o país, ainda não recuperado, voltou a mergulhar na crise. Em 1932, Alemanha tinha mais de 5 milhões de desempregados. Muitos deles deixaram sua terra natal em busca de sobrevivência, e alguns destes se destinaram ao Brasil.



Blumenau, em Santa Catarina, era uma das cidades cuja língua oficial era o alemão. Atualmente, ainda são mantidas algumas tradições alemãs, como a arquitetura das casas e a celebração da Oktoberfest.

Os novos alemães não foram para o campo, mas, sim, para cidades, nas quais trabalharam como técnicos, professores e funcionários de variadas empresas urbanas. De formas diferentes, os primeiros e os segundos alemães ficaram marcados na história e na constituição da identidade nacional. Sua presença está em festas populares, em alimentos, em inovações de algumas indústrias e em grande parte da cultura do Sul, que mantém forte ligação com o idioma e com os modos de vida. Até hoje, o alemão é a língua oficial de muitas cidades do Sul do Brasil.

Esses primeiros imigrantes, principalmente os que se destinavam a localidades mais afastadas, tinham muito trabalho pela frente, pois as regiões ao sul não possuíam qualquer estrutura para recebê-los. Segundo historiadores, devido à falta de transportes, alguns imigrantes demoravam meses para atingir a localidade destinada a eles e ainda muitos outros meses para se estabelecer de forma precária, em meio à mata. Todo esforço, entretanto, era encarado pelos estrangeiros, pois eles viam na situação uma oportunidade para eles e sua família, com a posse de um pedaço de terra e a chance de construir um novo país.

Os imigrantes que fundavam colônias tendiam a reproduzir nos locais habitados traços da cultura do seu país, ao mesmo tempo que enriqueciam a cultura local. Pense, por exemplo, na influência alemã especificamente na cultura da Região Sul do Brasil. Essas pessoas ganhavam da Coroa portuguesa o direito de cultivar as terras e produzir gêneros para o consumo interno, necessidade muito importante, pois, ainda que o Brasil possuísse alguma tração agrícola, as grandes propriedades estavam voltadas para a exportação, e não para as necessidades alimentares do País.



Reprodução

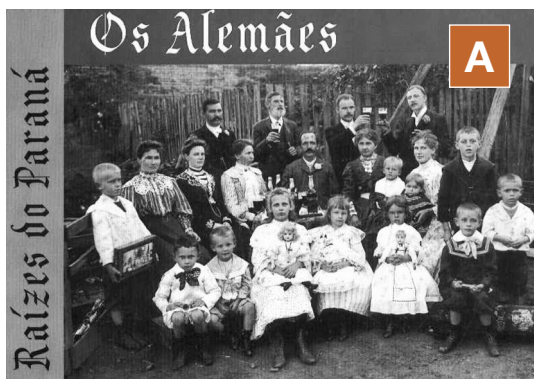
Camponeses alemães no Sul do Brasil em pintura de Pedro Weingärtner, 1903. Cinco mil imigrantes destinados à produção agrícola chegaram ao País com o incentivo de Georg Anton von Schäffer, alemão radicado no Brasil e major do Exército Brasileiro.

Mesmo com essa importância, os grandes proprietários de terra começaram a fazer forte oposição a esse modelo de chegada dos imigrantes. As tensões políticas internas e externas em volta da escravidão faziam com que proprietários começassem a se preocupar com a necessidade de substituir a **mão de obra** escravizada que movia a economia do País. Para os proprietários, os imigrantes não deveriam estar se tornando donos de pequenas propriedades, mas trabalhadores dos latifúndios existentes.

O conjunto de pressões fez com que a imigração fosse interrompida em 1830, com a promulgação de uma lei que proibia que a Coroa tivesse despesas com a vinda de estrangeiros para o Brasil. Depois dessa lei, o fluxo imigratório diminuiu consideravelmente, pois era caro para trabalhadores que tentavam reconstruir a vida pagar sozinhos por uma travessia pelo Oceano Atlântico, principalmente porque, sem o auxílio da Coroa, também não havia tantas certezas de trabalho. É importante lembrar que, no período, a manutenção da escravidão fazia com que trabalhos assalariados não fossem tão comuns e que as condições de trabalho não fossem as melhores.

Reflexão

1 (Unicamp – Adaptada) A foto **A** mostra famílias de colonos imigrantes alemães que participaram do povoamento do Paraná, e a foto **B** mostra colonos italianos na cidade de Caxias do Sul (RS).



A primeira grande política regional executada pelo nascente Estado nacional brasileiro foi a colonização dirigida na Região Sul do Brasil.

a. Explique alguns dos objetivos do governo brasileiro quando formulou a

política de povoamento da Região Sul com populações imigrantes, especialmente europeus.

b. Aponte duas características que predominaram no povoamento empreendido na Região Sul, uma referente ao tipo de propriedade da terra e uma aos produtos cultivados.

2 (UEPG - Adaptada) A respeito da população brasileira e da sua distribuição pela cor da pele, sejam brancos, mestiços ou pardos, negros, amarelos e o elemento indígena, sabe-se que podem ser encontrados em todas as regiões brasileiras. Porém, existem regiões com maior ou menor concentração desses elementos. Nesse contexto, assinale o que for **correto**.

- a** Os brancos são numerosos no sul do Brasil devido ser essa uma região caracterizada pela imigração **europeia**.
- b** Os mestiços só se destacam no Nordeste e na Amazônia, que são regiões onde há séculos existe um ativo processo de mestiçagem.
- c** Os negros são numerosos na Bahia e no Sudeste, em especial no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, o que pode ser explicado por tratar-se de antigas regiões de escravidão.

d Os amarelos, grupos menos numerosos, essencialmente descendentes de japoneses, estão concentrados, na maior parte, no estado de São Paulo e aparecem, também, no Paraná.

e Os indígenas têm os efetivos mais numerosos situados na Amazônia, em especial no norte do Amazonas e de Roraima, mas estão presentes em todo o território brasileiro, em concentrações secundárias no Mato Grosso do Sul, no Nordeste (sul da Bahia e sertão) e até nos confins do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

3 (UFSM) A cara do Brasil é feita com todas as cores. A riquíssima fotografia étnica vem sendo revelada no decorrer do processo histórico que formou nosso povo. Quanto à composição étnica da população brasileira, **pode(m)-se** afirmar:

- I. Em números absolutos, houve uma diminuição da população indígena, desde o descobrimento até hoje, provocada pela morte em conflitos e pelas epidemias.
- II. Os brancos que compõem a população brasileira possuem, em sua maioria, origem **européia**; nesse conjunto, os italianos e alemães formam os grupos mais numerosos na formação étnica do Brasil.
- III. A população brasileira passa por um processo de “embranquecimento” motivado pelos cruzamentos entre brancos e outras etnias, diminuindo progressivamente o número de negros e mestiços.

Está(ão) **correta(s)**:

a apenas I.

b apenas II.

c apenas III.

d apenas I e II.

e apenas I e III.

Segunda fase migratória (1850–1933)

A imigração só voltou a crescer quando a conjuntura do País mudou, o que nos leva para a segunda fase da migração brasileira, iniciada em 1850. Assim como 1808, mencionado anteriormente, o ano de 1850 também deve estimular a sua memória. Foi neste ano que uma importante lei conduziu a sociedade

brasileira para o fim da escravidão e ainda voltou a estimular a vinda de imigrantes. A lei em questão, como você deve ter desconfiado, foi a Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de africanos escravizados para o Brasil.

Ainda que essa lei não pusesse fim à escravidão, o que só ocorreu quase 40 anos depois, ela tornava urgentes formas de substituição da **mão de obra** escrava por trabalhadores livres, pois já se percebia que a escravidão estava com os dias contados.

Esse segundo momento possui algumas diferenças fundamentais em relação ao anterior, a primeira delas era o tipo de trabalho oferecido ao imigrante. Enquanto no primeiro momento era oferecido um lote de terra para quem desbravasse e cultivasse produtos para o consumo interno, no segundo período os imigrantes eram destinados para o trabalho nas lavouras de café, ou seja, iam ser empregados pelos grandes proprietários de terra do País.

Essa diferença existiu, pois, nas duas situações, o migrante era desejado para atribuições diferentes. Na primeira fase, como já dissemos, a intenção era ocupar espaços desocupados e produzir para o mercado interno, por isso a oferta imediata de terras. Por sua vez, o segundo momento tinha como objetivo fundamental substituir a mão de obra escravizada, que já não podia ser traficada do continente africano.

Mesmo sabendo que a vinda para o Brasil estava relacionada com a obrigação de trabalhar nas lavouras, muitos imigrantes deixavam sua nação movidos pelo sonho de conseguir ser dono de uma pequena propriedade. Esse sonho, entretanto, só poderia ser alcançado depois de os imigrantes terem saldado os custos da viagem e de terem trabalhado por algum tempo nas lavouras de café.

Existiam, nesse período, algumas formas de custear a viagem para o Brasil, entre elas estavam as firmas agenciadoras, o patrocínio direto de cafeicultores ou até a imigração subvencionada pelo governo. Em todos os casos, os trabalhadores estrangeiros chegavam ao Brasil com a obrigação de realizar alguns trabalhos específicos, para por meio deles pagarem as despesas da viagem. No momento, as fazendas de café foram o principal destino onde os trabalhadores tentaram produzir riqueza: mais de 70% dos milhões de imigrantes que desembarcaram no Brasil no período foram destinados para as grandes fazendas de café. Entre eles, destacavam-se os italianos, mas também chegavam em grande quantidade os espanhóis e uma nova leva de portugueses. Como, nesse período, o Brasil já era uma nação independente de Portugal, os portugueses que aqui chegavam passavam a ser contabilizados, assim como os demais estrangeiros.

Portugueses

Os portugueses já foram donos do Brasil. Essa frase é verdadeira em alguns sentidos, mas ela certamente não se aplica a qualquer português. Os homens e as mulheres mais pobres e simples, os pequenos comerciantes e operários não lucraram pessoalmente com a exploração do Brasil, nem mesmo conheceram o território. Para muitos desses portugueses, o Brasil ainda era uma país mítico, sinônimo de tropicalismo e de oportunidades.

Movidos por algumas dessas **ideias** e ainda por outras, muitos portugueses deixaram um país em crise para se dirigir à ex-colônia. A crise de Portugal estava relacionada à queda da monarquia em 1910; às disputas imperialistas que movimentavam a Europa e que, como sabemos, acabou conduzindo para a Primeira Guerra Mundial; à ascensão de doutrinas nazifascistas e ao Estado Novo português, isto é, à ditadura salazarista que perdurou de 1933 a 1974.

Diferentemente dos outros imigrantes, os portugueses chegaram ao Brasil trazendo uma grande vantagem. Eles estavam se destinando a um país que falava a sua língua e que havia sido influenciado, na sua constituição, pelos seus conterrâneos. Pela afinidade **linguística**, muitos portugueses se dedicaram a atividades ligadas às palavras. Eles foram importantes para o jornalismo brasileiro, implantaram gabinetes de leitura e foram professores em escolas comuns e em instituições religiosas.



Sala do Real Gabinete Português de Leitura, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. O edifício foi fundado quando o Brasil ainda era Império, em 1887.

Além dessa contribuição para o desenvolvimento cultural brasileiro, os portugueses também possuem forte relação com a economia. Os imigrantes vindos de Portugal se notabilizaram pelo trabalho nos ramos comerciais e de serviços. A literatura brasileira, inclusive, repercutiu por muito tempo a figura do português dono de quitandas, de padarias, de hospedarias e de outros negócios, ressaltando as habilidades comerciais desse povo e, muitas vezes, criticando a avareza. Esse elemento de crítica na literatura reflete conflitos que existiram também longe da ficção. Alguns brasileiros acusavam os comerciantes portugueses de contratarem apenas os seus compatriotas e de tentar dominar o comércio no Brasil.

Polêmicas à parte, os portugueses radicados no Brasil deixaram marcas na cultura, na economia e na formação política do País. Entre as obras e instituições que remontam à vinda dos portugueses como imigrantes, estão hospitais como o Real Hospital Português de Beneficência, inaugurado em Pernambuco em 1855 e que faz parte de um dos maiores complexos hospitalares do País. Na Bahia, os lusitanos **destacaram-se** pela construção civil. Eles instalaram várias linhas de bonde e elevadores hidráulicos, ligando as partes altas e baixas da cidade. Recife e Salvador estavam entre as principais cidades para onde foram os portugueses. Um grande número também se destinou para São Paulo e para o Rio de Janeiro.



Capa do jornal carioca *O Jacobino*, em 1894, na qual é reproduzida uma charge criticando a chegada de um imigrante português pobre, mas que, com o tempo, consegue enriquecer por meio da exploração de brasileiros.



Real Hospital Português de Beneficência no século XIX, no Recife, Pernambuco.

Reprodução

Reprodução

Uma segunda grande diferença, entre o primeiro momento migratório e esse segundo, estava por conta dos desafios encontrados. Se, na primeira situação, o trabalho e os ambientes sem estrutura eram os grandes desafios, nesse segundo momento os imigrantes tinham pela frente a dificuldade de lidar com uma estrutura de trabalho violenta e pouco preocupada com os direitos dos trabalhadores. A união entre empregadores autoritários e acostumados com a imposição da força e trabalhadores que possuíam **ideias** liberais e emancipatórias dificilmente se desenrolaria sem conflitos.

Suecos

Nessa segunda fase de imigração, chegou ao Recife (PE), em 1855, o sueco Herman Theodor Lundgren, que inicialmente trabalhava no porto como intérprete, mas em 1908 decidiu abrir uma loja têxtil na cidade do Paulista (PE) chamada Casas Pernambucanas, incentivando o desenvolvimento do setor na região. A rede de lojas aumentou e está espalhada pelo País até hoje, como esta em Curitiba (PR).

A maior parte dos suecos que imigraram para o Brasil começou a chegar na última década do século XIX, dirigindo-se principalmente para o Rio Grande do Sul, onde foram fundadas cidades que até hoje conservam a influência sueca através das famílias de descendentes.



Acostumados a lidar com pessoas escravizadas, que não tinham o direito de reclamar e sobre os quais era possível se impor pela força, os senhores do café não ficaram satisfeitos com as atitudes dos imigrantes. Os donos de terra não sabiam como lidar com trabalhadores que exigiam direitos, reclamavam e se mobilizavam através de protestos e greves. Por sua vez, os trabalhadores estrangeiros também não ficavam satisfeitos com o tratamento que recebiam e, principalmente, com a falta de clareza a respeito dos lucros de sua produção e do pagamento das dívidas.

Os trabalhadores costumavam ter dificuldade para pagar suas contas com fornecedores, e mesmo os produtos comprados nas quitandas das fazendas (segundo alguns historiadores, essas vendas cobravam preços muito altos

a fim de endividar os trabalhadores) geravam mais dívidas difíceis de serem quitadas. Assim, o medo de viver como empregados dos grandes senhores de café por toda a vida e a insatisfação com as condições de trabalho fizeram com que muitos imigrantes abandonassem as fazendas, alguns inclusive fugindo delas, e fossem tentar a vida nas cidades, sendo absorvidos pelas pequenas indústrias que começavam a surgir. Também trabalhavam nas cidades, imigrantes de outras origens, a exemplo dos árabes e dos japoneses.

Espanhóis

Os espanhóis estão entre os imigrantes que chegaram em maior número ao Brasil. Diversos povos, de regiões e hábitos distintos, deixaram a Espanha entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Mesmo em meio a muitas diferenças, entretanto, esses imigrantes tinham motivos comuns para deixar o país.

Eles fugiam da miséria e da distorção do sistema agrário da Espanha, que deixava muitos camponeses sem terra onde cultivar. Fugiam também do medo de serem convocados para lutar em alguma das numerosas guerras coloniais que surgiram no período, pois a Espanha, assim como Portugal, foi uma das pioneiras da Expansão Marítima e impôs seu domínio sobre muitas regiões da América e da África, que depois de muitas décadas começaram a lutar por independência. Em resumo, podemos dizer que os muitos espanhóis tinham em comum a falta de perspectivas de progresso no seu país de origem.

Nesse sentido, o Brasil passou a ser um destino atraente pela promessa de trabalho e pela possibilidade de conseguir um pedaço de terra. Outra facilidade dizia respeito ao financiamento das passagens pelo governo brasileiro, o que não era oferecido por outros países para os quais os espanhóis poderiam ter se destinado. O sistema de “imigração subsidiada” foi muito oferecido aos espanhóis, sendo estimado, inclusive, que esse auxílio foi responsável pela vinda de 80% dos espanhóis que desembarcaram no País na última década do século XIX.



Reprodução
Retrato da diretoria da Sociedade de Beneficência Espanhola, em São Paulo (1919). Essa entidade fornecia ajuda financeira e médica para os imigrantes espanhóis, que muitas vezes não tinham qualquer proteção para garantir sua permanência no Brasil.

Ao chegar ao Brasil, a maior parte dos espanhóis se destinou para São Paulo a fim de trabalhar nas lavouras de café e, diferentemente de outros imigrantes, eles se espalharam pouco pelo Brasil. Um grupo específico de espanhóis, os galegos, avançou por diversos estados. Os galegos trabalharam em colônias agrícolas no Pará, participaram da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, foram comerciantes no Rio de Janeiro e agricultores em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Além de todas essas localidades, a presença galega foi especialmente importante na Bahia, onde atuaram principalmente como empresários e comerciantes.

Diante da situação de conflito, uma pergunta importante poderia ser feita: se os cafeicultores estavam interessados em trabalhadores menos politizados do que os europeus e se os custos para trazer os imigrantes eram altos, por que houve tão pouco aproveitamento dos ex-escravizados, que no momento eram pessoas livres? Podemos somar ainda aos fatores que poderiam ter estimulado a contratação dos libertos o fato de eles já conhecerem o trabalho.

Mesmo com todos esses fatores a favor, pesava contra a mentalidade da época de que era necessário branquear o Brasil. Essa **ideia** descende de teorias nascidas na Europa que atribuíam os baixos índices de desenvolvimento de algumas nações ao grande quantitativo de negros e indígenas constituindo a população. Os que defendiam essas ideias, hoje compreendidas como absurdas, não conseguiam perceber a relação entre a pobreza e o baixo desenvolvimento de algumas nações e os grandes períodos de exploração e de destruição motivados por interesses imperialistas dos europeus.

Apesar de hoje essas ideias nem serem levadas a sério por pensadores responsáveis, na época elas conduziram toda uma política governamental interessada em atrair imigrantes. Por um lado, essa atração de imigrantes gerou diversas contribuições culturais para a formação do País; por outro, a grande quantidade de imigrantes, preferidos aos negros e mestiços libertos, contribuiu para que essa importante parcela da população fosse liberta da violência direta da escravidão para ser lançada a situações de negligência e de baixa inclusão.

Essa pequena inclusão social gera **consequências** na forma como pessoas negras são tratadas no País até hoje. Voltando para o assunto das migrações, sem abandonar a questão étnica, ainda podemos afirmar que essas questões continuam sendo um fator diferencial para o recebimento de migrantes e refugiados no Brasil, pois costumam ser mais bem recebidos os que não são negros ou os que têm origem **europeia**.

Assim, mesmo com todos esses conflitos e questões, no segundo mo-

mento da migração para o Brasil, o número de estrangeiros que chegou ao País foi muito maior do que na fase anterior. De acordo com dados levantados pelo pesquisador brasileiro Darcy Ribeiro, entre 1851 e 1930 entraram no País mais de 3 milhões e 900 mil imigrantes vindos exclusivamente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão. Os números são especialmente elevados entre os anos de 1886 e 1915, pois, como você deve ter relacionado, esses anos estão no entorno da libertação dos escravizados e da Proclamação da República.

Marc Ferrez



O destino dos negros escravizados após a libertação foi a marginalização. Por outro lado, muitos continuaram exercendo a mesma atividade por conta própria.

Distribuição dos contingentes imigratórios por períodos de entrada (em milhares)

Ano	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Japoneses	Alemães	Totais
1851–1885	237	128	17	0	59	441
1886–1900	278	911	187	0	23	1.399
1901–1915	462	323	258	14	39	1.096
1916–1930	365	128	118	85	81	777
1916–1930	105	19	10	88	25	247
Totais	1.447	1.509	590	187	227	3.960

Fonte: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Acessado em 03/10/2017 - http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Darcy_Ribeiro_-_O_povo_Brasileiro_-_a_forma%C3%A7%C3%A3o_e_o_sentido_do_Brasil.pdf

Os desentendimentos com os representantes do poder econômico local e as dificuldades encontradas não fizeram com que o Brasil deixasse de ser um destino, isso porque grupos de imigrantes também conseguiram prosperar. Muitos dos que deixaram as fazendas, por exemplo, tornaram-se empresários nas cidades e contribuíram para a ciência, a cultura e a política nacionais.

Japoneses

Quando os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil, a maior parte dos outros grupos já havia se estabelecido ou enviado seus primeiros grupos. Os núcleos de colônias japonesas se formaram na Região Sudeste nas primeiras décadas do século XX. Eles vieram trabalhar na lavoura de café, mas também se dedicaram a outras atividades agrícolas, cultivando, por exemplo, chá, banana e hortaliças em São Paulo e no norte do Paraná. Em menores quantidades, núcleos japoneses também se instalaram na Região Norte, cultivando pimenta-do-reino e juta.

Os nipônicos deixaram para trás um país em processo de transformação, desejoso por se tornar uma potência moderna, desenvolvida e tecnológica de forma rápida. A grande quantidade de japoneses oriundos de regiões interioranas, pobres e superpovoadas era um problema para esse desejo acelerado do império japonês. Como solução, o Estado passou a incentivar a migração, uma forma artificial de diminuir a população, de reduzir o número de desempregados e de valorizar os trabalhadores que ficassem.



Chegada de japoneses na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, 1935.

Além de regular essas condições internas, a emigração estimulada pelo Estado japonês tinha outra função: desenvolver uma imagem positiva do Japão de várias partes do mundo. Para isso, o governo chegava a elaborar diretrizes com a finalidade de orientar o comportamento dos japoneses que saíssem do país. Entre as instruções estavam as seguintes:

“- Lembre-se de que você é um cidadão do Império Japonês, portanto não deixe uma impressão vergonhosa nos países estrangeiros.

- Controle-se e evite a tentação de negligenciar seu trabalho com jogo, bebida, etc.

- Trabalhar duro e poupar o seu dinheiro devem ser suas principais preocupações; não desperdice dinheiro, mesmo que inicialmente acumule pouco.”

Trecho retirado do Dossiê imigrantes, da *Revista de História da Biblioteca Nacional*.

No Brasil, essa imagem oscilou bastante. Por um lado, reconhecia-se a seriedade, a honestidade e a dedicação dos japoneses imigrantes ao trabalho; por outro, eram disseminados estereótipos quanto aos amarelos, tratando-os como um povo exótico, traiçoeiro e inferior aos brancos. A visão lançada aos japoneses também mudou motivada por acontecimentos exteriores, como a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial e, depois dela, como o reerguimento da nação.

Hoje, a imagem do japonês no Brasil ainda guarda algumas características daquelas incentivadas aos primeiros imigrantes, como a honra, a correção e a dedicação ao trabalho, somadas à disciplina, à modernidade e à relação com a tecnologia. Avaliando de agora, mais de um século depois, parece que os imigrantes japoneses conseguiram cumprir sua função de pequenos embaixadores de uma imagem positiva do seu país de origem.



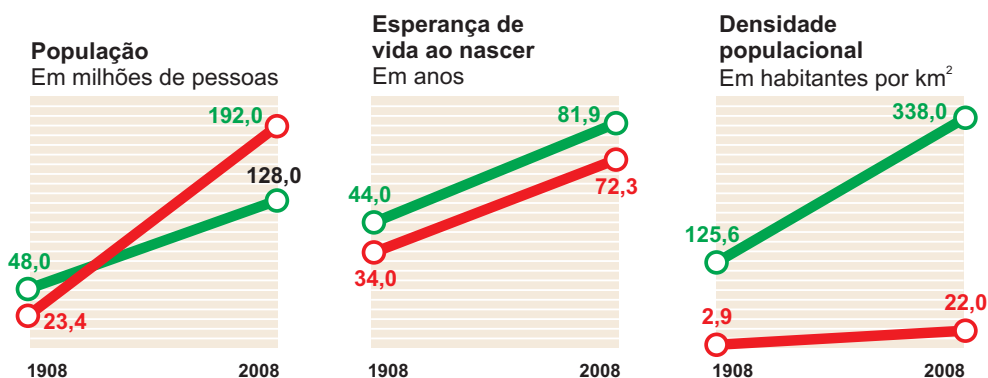
O entorno do bairro da Liberdade, em São Paulo, passou a ser conhecido como local de maior aglomeração dos japoneses saídos do campo, tornando-se depois um bairro japonês com lojas e restaurantes típicos.



Reflexão

1 (Unesp – Adaptada) Em junho de 2008, comemorou-se o centenário da imigração japonesa para o Brasil. Em 18 de junho de 1908, o navio Kasato Maru aportou em Santos (SP) trazendo 781 japoneses, que compunham a primeira leva de imigrantes. Observe os gráficos.

Brasil e Japão – Dados demográficos em 1908 e 2008



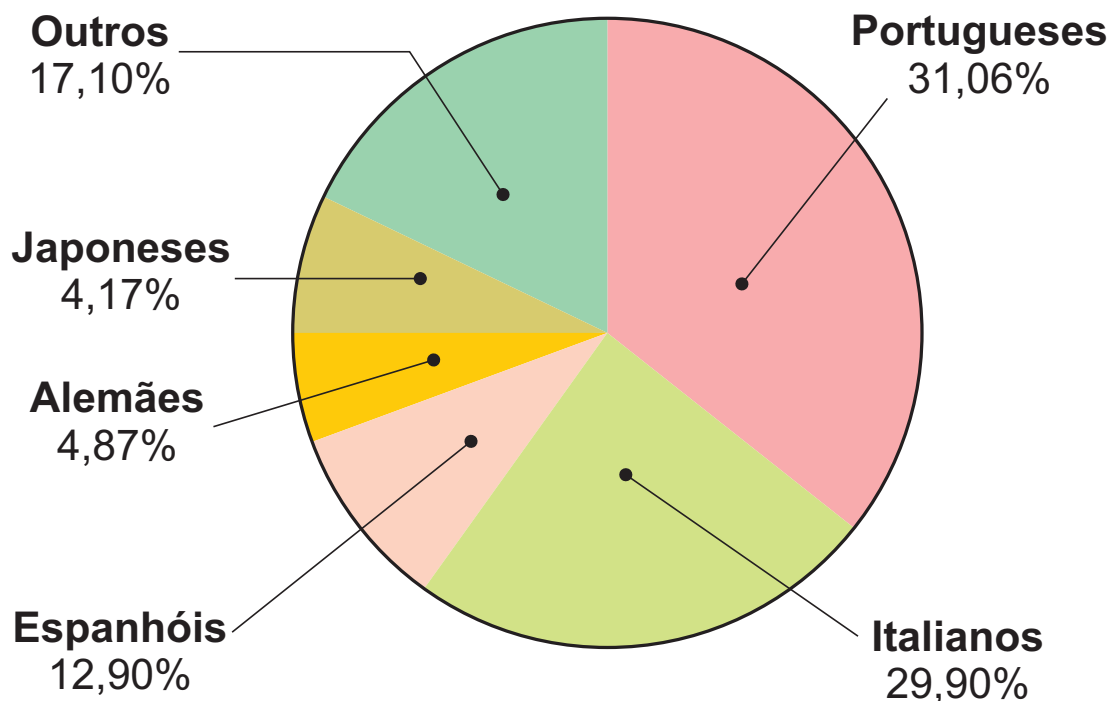
Ministério do Interior e Comunicações do Japão; IBGE – Estatísticas do Século XX e Organização das Nações Unidas, 2008.

Utilizando seus conhecimentos, assinale a alternativa que indica causas que contribuíram para reforçar os acordos nipo-brasileiros no início do século XX e a direção atual do fluxo migratório.

- a** Elevada densidade populacional no Japão; menor população e escassez de **mão de obra** agrícola no Brasil; inversão do fluxo com brasileiros, descendentes ou não de japoneses, emigrando para o Japão.
- b** Acelerado processo de urbanização no Japão; menor população e escassez de mão de obra industrial no Brasil; manutenção do fluxo, exclusivamente com japoneses altamente qualificados imigrando para o Brasil.
- c** Cobrança de impostos elevados no Japão; abolição da escravidão no Brasil; interrupção total do fluxo migratório entre os dois países.
- d** Política de privilégios para o primogênito no Japão; baixa esperança de vida e escassez de mão de obra industrial no Brasil; inversão do fluxo, exclusivamente com descendentes de japoneses emigrando para o Japão.
- e** População muito maior no Japão; densidade populacional elevada com grande expansão urbana no Brasil; aumento do fluxo em mais do que o dobro, exclusivamente com brasileiros natos emigrando para o Japão.

2 (UFSC – Adaptada) Considerando o gráfico a seguir e os conhecimentos sobre as correntes migratórias para o Brasil, assinale a proposição verdadeira.

Imigração para o Brasil segundo a nacionalidade (1820– 1980)



FONTE: MELHEM, Adas. *Panorama Geográfico do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1990.

- a A participação de portugueses no processo de colonização do Brasil limitou-se apenas ao período colonial, que vai de 1500 a 1822.
- b O percentual de imigrantes japoneses supera o contingente representado por italianos e alemães chegados no século XIX.
- c O estímulo à imigração para o Brasil coincidiu com todo o longo período de predomínio das relações escravistas de produção, porque os braços escravos eram insuficientes para a lavoura.
- d O maior contingente de imigrantes europeus que veio para o Brasil é constituído por povos atlanto-mediterrâneos, representados por portugueses, italianos e espanhóis.
- e A imigração italiana domina quantitativamente e foi responsável pela formação inicial da população brasileira, através do cruzamento com outras etnias.

3 (UEM - Adaptada) A partir das grandes navegações e da colonização da América, no início da Época Moderna, a migração, isto é, o movimento das populações, se intensificou e adquiriu amplitude planetária. A respeito dos movimentos migratórios, assinale a alternativa **incorreta**.

- a** Além dos deslocamentos populacionais que cruzam as fronteiras dos Estados Nacionais, existem outros, que envolvem as cidades e o meio rural.
- b** Em nossos dias, os conflitos militares no Oriente Médio têm compelido um grande contingente populacional a migrar para a Europa.
- c** Neste início de século o número de estrangeiros que chegam aos países do bloco europeu tem crescido constantemente. A chegada em massa dessa população tem alterado o perfil das grandes cidades **europeias**.
- d** Embora a colonização do Brasil tenha sido conduzida pelos portugueses, os africanos constituíram um importante grupo que foi deslocado para a América por, aproximadamente, três séculos.
- e** No Brasil, em meados do século XVIII, logo após a Independência, o fluxo de imigrantes alemães, italianos e japoneses, com destino à Região Sul do país, adquiriu uma grande importância.

4 Leia o texto para responder à questão.

Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo. Novo porque surge como uma etnia nacional, que se vê a si mesma e é vista como uma gente nova, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras. Velho, porém, porque se viabiliza como um proletariado externo, como um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população. Sua unidade étnica básica não significa, porém, nenhuma uniformidade, mesmo porque atuaram sobre ela forças diversificadoras: a ecológica, a econômica e a migração. Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros: os sertanejos, os caboclos, os crioulos, os caipiras e os gaúchos. Todos eles muito mais marcados pelo

que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população.

Darcy Ribeiro. O povo brasileiro, 1995. Adaptado.

(Unesp - Adaptada) De acordo com o texto a cima, a gênese do povo brasileiro está associada:

- a** ao propósito de ocupação de novos territórios pelos portugueses e à implantação de um empreendimento de povoamento, voltado à construção de um mercado interno amplo e diversificado.
- b** à conquista de novos territórios pelos povos africanos, ameríndios e europeus e à implantação de um modelo de desenvolvimento econômico autônomo, voltado a atender às demandas do mercado externo.
- c** ao ímpeto pela descoberta de novos territórios pelos povos ameríndios e africanos e à implantação de um modelo de desenvolvimento social e econômico de inspiração europeia, dirigido ao progresso técnico e econômico nacional.
- d** ao projeto de colonização de novos territórios e de seus respectivos povos pelos portugueses e à implantação de um empreendimento mercantil, voltado a atender às demandas do mercado externo.
- e** ao propósito de conquista de novos territórios pelos europeus e à implantação de um modelo de desenvolvimento econômico autônomo, voltado a atender às demandas do mercado local.

5 (Fuvest) A imigração de italianos (desde o final do século XIX) e a de japoneses (desde o início do século XX), no Brasil, estão associadas a:

- a** uma política nacional de atração de **mão de obra** para a lavoura e às transformações sociais provocadas pelo capitalismo na Itália e no Japão.
- b** interesses geopolíticos do governo brasileiro e às crises industrial e política pelas quais passavam a Itália e o Japão.
- c** uma demanda de mão-de-obra para a indústria e às pressões políticas dos fazendeiros do sudeste do país.
- d** uma política nacional de fomento demográfico e a um acordo com a Itália e o Japão para exportação de matérias-primas.
- e** acordos internacionais que proibiram o tráfico de escravos e à política interna de embranquecimento da população brasileira.

Terceira fase migratória (Era Vargas)

O quantitativo de migrantes só se reduziu em grandes proporções após 1934, ano que marca o terceiro período imigratório que vamos destacar. Estão no pano de fundo deste período outros momentos históricos que não devem ser esquecidos, com destaque para a Crise de 1929, também conhecida como a **quebra da Bolsa de Nova York**, que repercutiu, no Brasil, sob a forma de uma crise econômica, política e social.

Do ponto de vista econômico, a quebra da Bolsa influenciou duramente a produção de café brasileiro, uma vez que o seu principal comprador, os Estados Unidos, deixou de consumir e até de saldar dívidas de compras já realizadas. Como muito da economia nacional estava consolidada em torno das fortunas do café, a crise não atingiu apenas os produtores e os trabalhadores dessa lavoura.

A conjuntura política, antes dominada pelos poderosos cafeicultores paulistas e pelos criadores de gado de Minas Gerais, também sofre com a situação, o que permitiu a formação de outros grupos de poder, para além desse monopólio. A crise política gera também uma crise social, que leva à Revolução de 1930. Este é o período em que, conforme a história, a República brasileira deixa de ser denominada **República das Oligarquias**, ou **República do Café com Leite**, e entra no período conhecido como **Era Vargas**.

Já durante o governo de Getúlio Vargas, a postura nacionalista adotada gerou forte impacto na chegada dos imigrantes. O governo aceitava uma visão bastante distinta da que vinha sendo desenvolvida anteriormente, quanto às políticas migratórias. Para ele, o foco do desenvolvimento do País não deveria estar na abertura das fronteiras para outros povos, mas, sim, na valorização dos trabalhadores locais.

Assim, em 1934, ano mencionado, foi criada a **Lei de Cotas de Imigração**. Essa lei limitava a entrada



Após a Revolução de 1930, Getúlio Vargas (no centro da imagem) assumiu o governo de forma provisória e tomou medidas nacionalistas, como exigir que as empresas tivessem 2/3 de trabalhadores brasileiros em seus quadros.

de imigrantes através de um tipo de cota. A permissão anual de entrada por país estrangeiro não poderia ser superior a 2% do total de migrantes que tinham entrado nos últimos 50 anos. Além disso, ela também estabelecia que 80% dos que conseguissem entrar no país deveriam ser agricultores e que pessoas com posição política aproximada ao comunismo não seriam autorizadas.

Essa lei condizia com a postura nacionalista e trabalhista do governo de Getúlio Vargas e era, antes de tudo, uma estratégia para nacionalizar a **mão de obra** que trabalhava na indústria brasileira. Para a nova postura do governo, não havia mais espaço para valorizar os trabalhadores estrangeiros, não só porque havia o desejo de dar mais atenção aos brasileiros, mas também para limitar a influência dos trabalhadores europeus nas lutas sindicais e libertárias.

Se, a partir de 1934, o Brasil dera início a uma postura imigratória ainda mais restritiva e controladora, as fronteiras seriam ainda mais limitadas a partir de um decreto de 1941, que tirava do Itamaraty e passava para o Ministério da Justiça a responsabilidade de emitir vistos temporários ou permanentes. A partir desse momento, a maioria dos que procuravam o Brasil como destino da sua migração costumava receber um *não* como resposta.

Nesse momento específico, não devemos deixar de considerar que essa negação em receber migrantes também se estendia para pessoas em busca de refúgio, o que era especialmente grave, uma vez que o mundo passava pela Segunda Guerra Mundial. As poucas permissões ainda emitidas estavam ligadas à manutenção do desejo de branquear o Brasil e ao intuito de trazer riquezas para o País.

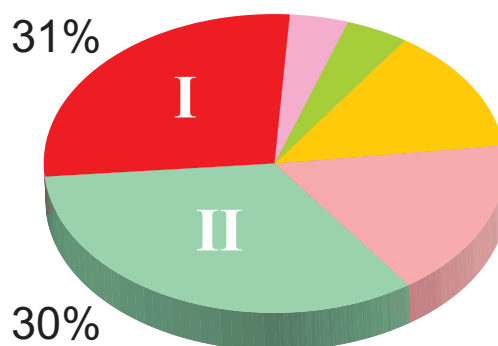
Assim, no lugar de dar refúgio aos mais necessitados, costuma-se estabelecer uma separação entre os imigrantes desejados e indesejados a partir das citadas intenções de branquear o País e de atrair mais riquezas. Por essa perspectiva, costumavam ser rejeitados em grande quantidade os imigrantes japoneses e judeus, visto que nenhum dos dois povos poderia contribuir para o branqueamento do Brasil: os primeiros por não serem brancos e os segundos por costumarem realizar casamentos dentro do próprio grupo. Se esses grupos, entretanto, fossem potenciais investidores, exceções poderiam ser garantidas.

Após a Segunda Guerra Mundial, diante da reconstrução das nações **europeias**, o Brasil deixou de ser um destino muito atraente, uma vez que os europeus passaram a preferir se deslocar por regiões do próprio continente. Para que possamos ter uma **ideia** da redução do fluxo migratório, podemos ilustrar com os dez anos anteriores e posteriores às políticas restritivas do governo de Getúlio Vargas. Nos dez anos antes da Lei de Cotas da Imigração (1924–1933), o Brasil tinha recebido mais de 700 mil imigrantes. Já na década seguinte (1934–1943), a imigração foi reduzida para menos de 200 mil pessoas.

Reflexão

1 (UEL) Considere o gráfico apresentado a seguir.

Proporção das nacionalidades na imigração para o Brasil (1808–1995)



No gráfico, os números I e II representam, respectivamente, os:

- a alemães e os italianos.
- b espanhóis e os japoneses.
- c portugueses e os japoneses.
- d portugueses e os italianos.
- e italianos e os espanhóis.

2 (Enem) Em 1935, o governo brasileiro começou a negar vistos a judeus. Posteriormente, durante o Estado Novo, uma circular secreta proibiu a concessão de vistos a “pessoas de origem semita”, inclusive turistas e negociantes, o que causou uma queda da imigração judaica ao longo daquele ano. Entretanto, mesmo com as imposições da lei, muitos judeus continuaram entrando ilegalmente no País durante a guerra, e as ameaças de deportação em massa nunca foram concretizadas, apesar da extradição de alguns indivíduos por sua militância política.

GRIMBERG, K. Nova língua interior: 500 anos de história dos judeus no Brasil. In: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. adaptado.

Uma razão para a adoção da política de imigração mencionada no texto foi o(a):

- a receio do controle sionista sobre a economia nacional.

- b** reserva de postos de trabalho para a **mão de obra** local.
- c** oposição do clero católico à expansão de novas religiões.
- d** apoio da diplomacia varguista às opiniões dos líderes árabes.
- e** simpatia de membros da burocracia pelo projeto totalitário alemão.

Dias atuais (a emigração brasileira e os novos imigrantes)

A última fase possui menos literatura, ou seja, menos livros falando sobre ela e um contorno temporal menos preciso, até porque este último momento a que queremos nos referir é a atualidade. Nesta fase, falaremos tanto da emigração brasileira, esta não tão recente, quanto da chegada de novos imigrantes, muitos ainda pouco conhecidos pelos brasileiros.

Depois de todo esse tempo falando sobre os vários momentos em que imigrantes de muitas origens chegaram em grande quantidade ao Brasil, pode parecer estranho pensar agora em uma mudança tão grande de sentido nesse fluxo. Isto é, começar a pensar no Brasil como ponto de saída, e não como destino.

A emigração de brasileiros não é exatamente um fenômeno novo, uma vez que individualmente muitas pessoas e suas famílias podem ter se deslocado com a finalidade de viver em outras nações. Entretanto, ao pensarmos em fluxos nacionais, de grandes quantidades de pessoas, estamos nos referindo a uma tendência que não é muito antiga. Para historiadores e geógrafos, a alteração do perfil nacional, transformando o País de tipicamente imigratório em emigratório, começa com a crise do petróleo da década de 1970.

Nesse período, o Brasil vivia, politicamente, em tempos de ditadura **civil-militar** e passava por uma fase de crescimento econômico que ficou conhecida como o **Milagre Econômico brasileiro**. Esse milagre — percebido no crescimento de taxas, como o PIB, mas não revertido em distribuição de renda e melhoria de vida para a maior parte da população — não resistiu a uma série de desregulações internas e foi ainda mais atingida pelos aumentos exorbitantes do preço do petróleo (principal combustível utilizado no período), que levou o mundo inteiro a uma crise.

Essa crise atingiu duramente o Brasil, pôs fim ao Milagre Econômico, aumentou as taxas de inflação (que geram aumento no preço dos produtos), além de elevar as taxas de juros e a dívida externa brasileira e se prolongar pelas décadas de 1980 e 1990. A década de 1980, inclusive, ficou conhecida como **década perdida**, devido aos prejuízos da crise ainda sentida pelo País. Como é comum nessas situações de crise, a vida dentro do País se tornou mais difícil, levando muitos brasileiros a se aventurarem em direção a outras nações.



Pela forte presença de comércio e residentes brasileiros em Nova York, uma das ruas de Manhattan passou a se chamar Little Brazil Street. Por essa razão também, todos os anos é realizado o festival *Brazilian Day* na cidade.

Alguns brasileiros emigram a fim de ocupar postos de trabalho altamente especializados. São executivos, administradores, pesquisadores e especialistas em diversas áreas, que buscam uma maior valorização pelo alto nível de trabalho que realizam. Esse movimento costuma ser chamado de **fuga dos cérebros**. Entretanto, esta não é a condição da maioria dos brasileiros que emigram. Muitos entram clandestinamente em

outras nações ou, mesmo entrando legalmente, dedicam-se a atividades que exigem pouca qualificação e que são normalmente recusadas pelos trabalhadores do país. Os brasileiros, ainda assim, dedicam-se a esses trabalhos e levam uma vida difícil a fim de receberem salários melhores, que podem ser enviados à família no Brasil ou usados como uma preparação para retornar depois de alguns anos.

Devido à situação informal de muitos emigrantes brasileiros, é um desafio muito grande conseguir afirmar o número exato dos que vivem fora do País. Por esse motivo, o Ministério das Relações Exteriores e outros órgãos governamentais dedicam-se constantemente à melhoria das suas metodologias de captação de dados. E, também por esse motivo, os números expostos são em geral estimativas.

Entre 1987 e 1997, por exemplo, estima-se que mais de 1,5 milhão de brasileiros deixaram sua região de origem em busca de melhores condições de vida no exterior, principalmente para países com melhores taxas de desenvolvimento, a exemplo dos Estados Unidos, do Japão e de algumas nações europeias.

Os números do Ministério das Relações Exteriores lançados em 2015 e atualizados em 2016, a partir de um conjunto de Relatórios Consulares

(RCNs), estimaram mais de 3 milhões de brasileiros vivendo fora do País. Os principais destinos continuam semelhantes aos do período de 1987 a 1997, isto é, cerca de 20 anos antes. Os Estados Unidos permanecem sendo o principal destino dos brasileiros, recebendo mais de 45% dos que emigram. O Japão e um conjunto de países europeus também são destinos muito procurados por grandes quantidades de brasileiros emigrados.

De acordo com pesquisadores, os laços históricos e as redes de relacionamento do país ajudam a explicar a preferência desses destinos. Não é por acaso que alguns países de que tratamos ao mencionar os fluxos imigratórios são agora retomados ao pensar na emigração. Relações familiares ou mesmo a proximidade cultural dos descendentes podem contribuir para a preferência de um destino.

Distribuição dos brasileiros emigrados por países (2016)	
País	Estimativa de brasileiros (percentual)
Estados Unidos da América	1.410.000 (45,7%)
Paraguai	332.042 (10,7%)
Japão	170.229 (5,5%)
Reino Unido	120.000 (3,89%)
Portugal	116.271 (3,77%)
Espanha	86.691 (2,8%)
Alemanha	85.272 (2,7%)
Suíça	81.000 (2,6%)
Itália	72.000 (2,33%)
França	70.000 (2,27%)
Bélgica	48.000 (1,55%)
Argentina	46.870 (1,5%)
Canadá	43.000 (1,4%)
Guiana Francesa	40.550 (1,3%)
Austrália	37.310 (1,2%)
Venezuela	28.533 (0,92%)
Bolívia	27.581 (0,89%)

Fonte: Tabela elaborada a partir dos dados do Ministério das Relações Exteriores. Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo - 2015 (números atualizados em 29/11/2016).

Além das migrações, que envolvem percorrer longas distâncias e arcar com altos custos, também há migrações externas envolvendo destinos mais próximos, separado apenas pela existência de uma fronteira. Em muitas localidades do Brasil, a visualização de uma situação diferente e até de oportunidades em outros países não implica cruzar mares ou realizar grandes viagens, algumas vezes as oportunidades podem estar em cidades próximas.

É o caso de garimpeiros de Roraima que se instalam na Venezuela movidos pelo desejo de encontrar ouro e diamantes; ou ainda de agricultores da Região Sul que se mudam para o Paraguai em grandes quantidades, em busca de algumas vantagens, como o preço da terra, que é menor no Paraguai do que no Brasil, além da facilidade de obter crédito do governo paraguaio para a produção agrícola e de reduzidas taxas de impostos.

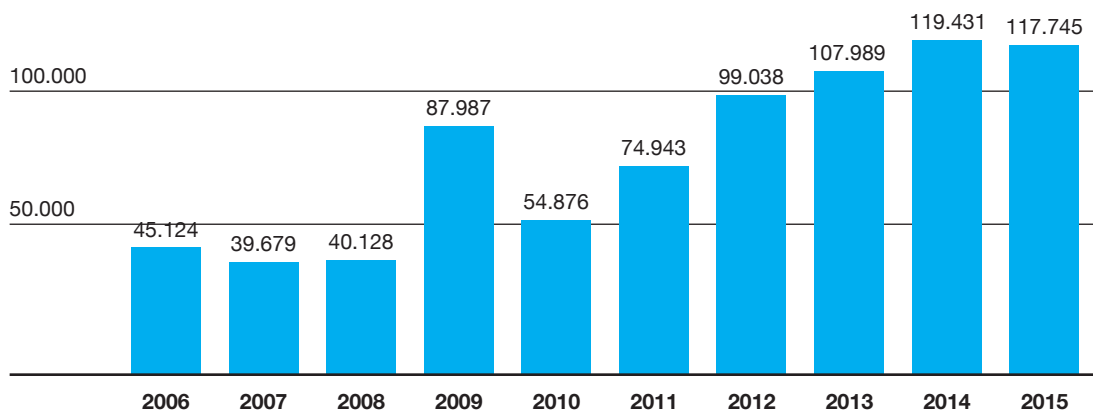
As grandes ondas emigratórias são um fator importante para compreender a relação do Brasil com outras nações, bem como para estimar as expectativas de grupos de brasileiros quanto às possibilidades de crescimento econômico e às oportunidades dentro e fora do País. Mas o contingente de brasileiros que emigra não quer dizer que o País tenha perdido totalmente o seu caráter atrativo para novos grupos de imigrantes.

Na verdade, entre os anos de 2006 e 2015 a Polícia Federal registrou um aumento de 160% no número de imigrantes registrados. De acordo com pesquisadores, os números crescentes estão ligados às reduções das taxas de desemprego pelas quais o Brasil passou entre 2006 e 2014, fazendo com que o País voltasse a ser visto, por alguns imigrantes, como um lugar de oportunidades.

Número de imigrantes

Registrados pela Polícia Federal a cada ano*

*Últimos dados disponíveis



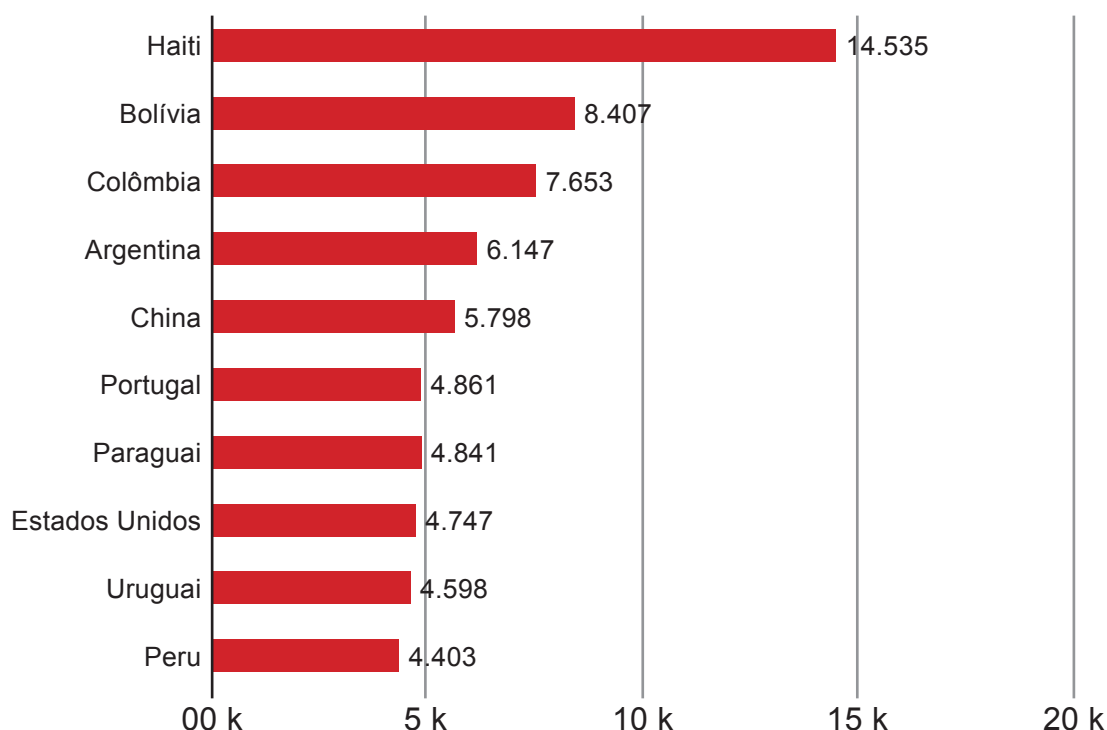
Fonte: Polícia Federal

Acessado em 17/10/2017. In: <http://arte.folha.uol.com.br/graficos/kuJxV/?>.

Entre a maior parte dos países de origem estão nações com indicadores socioeconômicos inferiores aos do Brasil, a exemplo do Haiti, da Bolívia e da Colômbia. Porém, também há um fluxo considerável de imigrantes de países mais ricos e desenvolvidos, como os Estados Unidos. Sendo que, neste caso, bem como no caso de imigrantes chineses e portugueses, ambos representando uma quantidade significativa, os imigrantes muitas vezes não são pobres em busca de alguma oportunidade de emprego, mas investidores e profissionais muito qualificados, interessados em suprir demandas dos mercados brasileiros.

Nacionalidades

Ranking de países de origem dos imigrantes que chegaram ao país em 2015, segundo registro da PF



Fonte: Polícia Federal. Acessado em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>. Acessado em: 17/10/2017.

Os haitianos são um caso específico e interessante de novos migrantes. A entrada desses estrangeiros no Brasil começou em 2010, depois de a ilha em que se localiza o país ter sido atingida por um terremoto de grandes proporções, provocando muita destruição. A rota saindo do Haiti em direção ao Brasil também está associada à imagem construída nos últimos anos do país da América do Sul como uma terra de oportunidades.

A chegada dos haitianos, inicialmente recebidos como refugiados, levou a um conjunto de discussões do Brasil sobre o conceito de *refugiados*, uma vez que nele não estavam inclusas as vítimas de desastres ambientais. Como solução para o caso haitiano, uma resolução do Conselho Nacional de Imigração passou a prever a concessão de visto permanente para alguns haitianos, não sob a categoria de refúgio, mas, sim, por razões humanitárias.

Haitianos

“Quando alcançaram o território brasileiro, os primeiros haitianos da recente leva de migrantes tiveram acesso ao protocolo de refúgio. O documento valia como uma espécie de comprovante de entrada e tornava possível a emissão das carteiras de identidade e de trabalho enquanto o pedido de refúgio era julgado pelo Governo Federal. Ao avaliar como preocupante a situação e temendo que aquele fluxo migratório aumentasse de forma incontrolável, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) informou que os haitianos recém-chegados não estavam contemplados pela Lei 9.474, de 1997, que considerava como refugiado apenas os indivíduos perseguidos no país de origem por motivos de raça, religião, conflito político ou violação de direitos humanos. Como destacou o MRE, os tratados internacionais e a legislação brasileira não **preveem** o reconhecimento da condição de refugiado a pessoas que se deslocaram em razão de desastres ambientais ou em busca de melhores condições de trabalho, por exemplo.

Em 2011, portanto, os haitianos tiveram suspensos os protocolos de solicitação de refúgio pela Polícia Federal. A decisão foi muito criticada por acadêmicos e ativistas sociais, que enxergaram na medida uma forma de marginalizar esses grupos vulneráveis, obrigando-os à clandestinidade. Na tentativa de encontrar uma nova solução para o caso e criar um novo dispositivo legal para acolhê-los, o governo brasileiro promulgou, em janeiro de 2012, a Resolução Normativa nº 97 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) Fonte: MTE. O texto previa a concessão do visto permanente aos haitianos por razões humanitárias, algo até então inexistente na legislação.

Ao mesmo tempo que representou uma possibilidade de legalização da situação dos haitianos que, já em solo nacional, haviam sido relegados à imobilidade, o “visto humanitário” impôs uma restrição à chegada de novos imigrantes: seria concedida uma cota máxima de 100 vistos por mês. A entrada dos haitianos passou a ser condicionada à apresentação do visto emitido apenas em Porto Príncipe (capital do Haiti), sendo negada a eles a

Entre os imigrantes por razão de refúgio oficialmente reconhecidos como tal, estão principalmente pessoas nascidas na Síria, na República Democrática do Congo, no Paquistão, na Palestina e em Angola. De acordo com o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), até o final de 2016 o Brasil reconheceu um total de 9.552 refugiados de 82 nacionalidades distintas.

possibilidade de pedido de refúgio. Essa medida, na prática, impediu a entrada de muitos em razão da ameaça de deportação e diminuiu o número de estrangeiros atravessando as fronteiras sem documentos, mas não foi suficiente para solucionar o caso dos imigrantes que estavam em trânsito durante a mudança na política de acolhimento.



Grande parte das casas no Haiti foi destruída em decorrência do terremoto em 2010, provocando a migração de milhares de haitianos.

O volume de haitianos que chegava até as fronteiras diariamente extrapolou a previsão de vistos concedidos mensalmente, causando mais uma vez uma situação de crise. Em abril de 2013, o Governo Federal foi levado a alterar a Resolução Normativa nº 97, retirando o limite de vistos impostos previamente e a exigência de expedição única de Porto-Príncipe.

Apesar das medidas tomadas, a dificuldade de integração dos haitianos na sociedade brasileira persistiu. Com a intenção de garantir a eles acesso ao trabalho, à educação e aos serviços públicos, no dia 11 de setembro de 2015 o governo brasileiro concedeu residência permanente a 43.781 haitianos que haviam solicitado refúgio desde 2011.”

BERSANI, Ana Elisa. Espinhosas fronteiras. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 11. Nº 124. Junho de 2016.

Esse número pode até parecer grande, mas quando observamos dados atuais, como os números do relatório *Tendências Globais*, divulgado pelo Acnur em 2017, percebemos que na verdade ele é bem pequeno em comparação com a quantidade de pessoas que são obrigadas a deixar seu local de origem. Os dados desse relatório apontaram que, no final de 2016, havia cerca de 65,6 milhões de pessoas forçadas a abandonar seu local de origem por diferentes tipos de conflito.

Desse número, 22,5 milhões são refugiados, o número mais alto de todos os tempos e que faz com que especialistas e organizações de proteção ao refugiado afirmem que o mundo está vivendo uma crise humanitária vista poucas vezes na história da humanidade. Outros dados que ajudam a dimensionar as proporções dessa crise e o quanto ela ainda pode impactar estão relacionados às crianças refugiadas. Metade de todas as pessoas refugiadas no mundo são crianças, que, enquanto não conseguem uma situação estável, muitas vezes são expostas a situações de extrema vulnerabilidade, que incluem a falta de escola, de moradia, de alimentação e de cuidados com a saúde. A vulnerabilidade aumenta ainda mais se considerarmos que 75 mil solicitações de refúgio foram feitas por crianças que viajam desacompanhadas, sem a presença e o cuidado dos pais.

Essas informações trazem mostras de uma grave crise humana com o qual o Brasil não tem um contato tão direto, pois, para muitas dessas pessoas que precisam fugir, a primeira, e algumas vezes única, opção é o país mais próximo. Como sua localização o deixa distante das maiores zonas de conflito, o Brasil não é um grande centro receptor de refugiados, o que não quer dizer que a questão seja sem importância por aqui. Para os mais de 9 mil refugiados reconhecidos e para os que ainda tentam refúgio, a abertura do Brasil não é só um pequeno número em uma estatística, mas a chance para viver dignamente.

Quanto à origem dos refugiados recebidos no Brasil em 2016, os dados do Conare esclarecem que estão em maiores números os sírios (326), os congolezes (189), os paquistaneses (98), os palestinos (57) e os angolanos (26). Por sua vez, entre as nações de origem da maior parte dos pedidos de refúgio em 2016 estão venezuelanos (3.375), cubanos (1.370), angolanos (1.353), haitianos (646) e sírios (391).

Mesmo quando são aceitos como refugiados, esses imigrantes ainda têm grandes dificuldades a serem enfrentadas. Como eles costumam fugir de situações impróprias para a vida, muitos chegam despreparados, sem portar documentos ou dinheiro e sem falar o idioma. Por mais que o Brasil tenha, na atualidade, uma política progressista de aceitação de refugiados e imigran-

tes, falta assistência depois da entrada. Em outras palavras, faltam políticas públicas que acolham e integrem os imigrantes e refugiados aceitos.

Muitas vezes, a inclusão dos estrangeiros fica sob a responsabilidade de instituições da sociedade civil, principalmente organizações religiosas, como a Cáritas Brasileira, que é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), atrelado à Igreja Católica. Esta e outras instituições auxiliam os refugiados com hospedagem, nos procedimentos para a confecção de documentos, na procura por empregos e na necessária aprendizagem do idioma.

As instituições fazem um importante trabalho, mas sozinhas não são capazes de atender a todos os necessitados nem de fazê-lo da melhor forma. Por esse motivo, elas também reclamam a falta de políticas de inclusão pelo governo brasileiro. Somente planos de governo que integrem todas as necessidades humanas poderão fazer com que os refugiados sejam realmente aceitos e que possam superar os sofrimentos que costumam conduzi-los aos seus deslocamentos.



Vivendo uma grave crise política e econômica, venezuelanos têm escolhido o Brasil como destino para se refugiar. Na imagem, milhares de pessoas em protesto contra o Presidente Nicolás Maduro em abril de 2017.

Reflexão

1 (Uerj – Adaptada)



A restituição da passagem

As famílias chegadas a Santos com passagens de terceira classe, tendo pelo menos três pessoas de 12 a 45 anos, sendo agricultores e destinando-se à lavoura do Estado de São Paulo, como colonos nas fazendas ou estabelecendo-se por conta própria em terras adquiridas ou arrendadas de particulares ou do governo, fora dos subúrbios da cidade, podem obter a restituição da quantia que tiverem pago por suas passagens.

Adaptado de *O imigrante*, nº 1, janeiro de 1908.

A publicação da revista *O imigrante* fazia parte das ações do governo de São Paulo que tinham como objetivo estimular, no final do século XIX e início do XX, a ida de imigrantes para o estado. Para isso, ofereciam-se inclusive subsídios, como indica o texto.

Essa diretriz paulista era parte da política nacional da época que visava à garantia da:

- a oferta de **mão de obra** para a cafeicultura.
- b ampliação dos núcleos urbanos no interior.
- c continuidade do processo de reforma agrária.
- d expansão dos limites territoriais da federação.
- e proteção das regiões fronteiriças.

2 (Unisc) Ao longo do século XIX, o Governo Imperial e, posteriormente, os Governos Provinciais promoveram a vinda de imigrantes europeus para colonizarem o Sul do Brasil (RS, SC e PR). Dentre os objetivos dessa iniciativa, destacam-se:

- I. Ocupar áreas de matas fomentando a instalação de pequenas propriedades rurais com regime de trabalho familiar.
- II. Estimular o desenvolvimento do agronegócio e a exportação de *commodities*.
- III. Fomentar o branqueamento da população brasileira.

- IV. Substituir mão de obra escrava nas fazendas de café em São Paulo.
 V. Garantir as fronteiras e assegurar a posse efetiva do território no Sul do País.

Assinale a alternativa **correta**.

- a Somente a afirmativa II está correta.
 b Somente as afirmativas I, III e V estão corretas.
 c Somente as afirmativas II e III estão corretas.
 d Somente as afirmativas III e IV estão corretas.
 e Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.

3 (Ufsc – Adaptada) Analise atentamente a tabela:

Distribuição dos contingentes imigratórios por período de entrada (em milhares)						
Período	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Japoneses	Alemães	Total
1851–1885	237	128	17	–	59	441
1886–1900	278	911	187	–	23	1.399
1901–1915	462	323	258	14	39	1.096
1916–1930	365	128	118	85	81	777
1931–1946	105	19	10	88	25	247
1946–1960	285	110	104	42	23	564
Total	1.732	1.619	694	229	250	4.524

Fonte: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Com base nessa tabela e com os conhecimentos sobre imigração no Brasil, assinale a proposição **incorreta**.

- a Os portugueses, os italianos e os espanhóis correspondem aos três maiores contingentes de imigrantes, sendo que os primeiros, para fins estatísticos, não eram considerados como tais até 1822, quando ocorreu a Independência do Brasil.
 b Os alemães, o quarto maior grupo, conforme a tabela, começaram a chegar ao Brasil em 1824, mais precisamente ao Rio Grande do Sul, onde fundaram São Leopoldo e, cinco anos depois, São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina.

- c** O período que vai de 1850 até 1930 é considerado o de maior entrada de imigrantes no Brasil, fato explicado por uma série de fatores internos favoráveis, dentre os quais o desenvolvimento da cafeicultura, a proibição do tráfico de escravos e o efetivo fim da escravidão.
- d** A partir de 1930, iniciou-se um período marcado por uma série de acontecimentos que reduziram a entrada de imigrantes, tais como a instabilidade política e econômica das Revoluções de 30 e 32, a lei de cotas da imigração de 34 e a seleção doutrinária.
- e** O último período da tabela apresenta um total de imigrantes maior do que o anterior, o que é difícil explicar uma vez que nessa época a Europa vivia momentos de grande prosperidade.

4 (UFG) Leia o trecho a seguir:

Ainda hoje, grande parte dos motivos que forçam os homens a migrar são os mesmos do passado. Os recentes episódios políticos ocorridos com os palestinos, os sul-vietnamitas e outros servem de testemunhos. Porém, neste momento, o que mais nos interessa é o estudo dos movimentos migratórios voluntários, os motivados pelo desejo de melhoria de vida ou de ascensão social, em particular na sociedade brasileira.

SCARLATO, F. C. População e urbanização brasileira. In: ROSS, J. L. S. (Org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 392. Adaptado.

A interpretação do texto sobre o fenômeno migratório possibilita compreender a emigração de brasileiros, no período de 1985 a 1994, devendo-se considerar também a:

- a** modernização do espaço agrário conjugada à concentração fundiária e às lutas no campo.
- b** repressão política e social desencadeada pela ditadura militar e o grande número de exilados.
- c** política econômica, com altas taxas de inflação, aliada ao desemprego e ao baixo crescimento econômico.
- d** inserção do Brasil na economia globalizada associada ao desenvolvimento dos transportes e do turismo internacional.
- e** geopolítica brasileira na América Latina articulada à expansão do mercado nacional e ao fortalecimento do Mercosul.

5 (UFRJ - Adaptada) No final do século XIX e início do século XX, o Brasil era um país de imigração, tendo recebido um importante fluxo de **mão de obra** estrangeira. Nas últimas décadas do século XX, essa situação se inverteu, e hoje, de acordo com algumas estimativas, o número de brasileiros que emigraram e vivem fora do País pode chegar a 1.900.000, constituindo uma verdadeira “diáspora”.

Apresente duas razões que explicam a emigração brasileira na atualidade.

6 (Unesp) Nos três primeiros meses de 2013, entraram no território brasileiro cerca de 3 mil pessoas vindas do Haiti. O aumento substancial no fluxo de entrada de haitianos no País deu-se principalmente pelo pequeno município de **Brasileia**, no Estado do Acre. A cidade, com cerca de 20 mil habitantes, faz fronteira com a Bolívia e o Peru, e, de janeiro ao final de março, viu chegar um número estimado de 2 mil imigrantes haitianos.

<http://brazilianpost.co.uk>. Adaptado.

Aponte dois motivos que expliquem o aumento recente da migração de haitianos para o Brasil. Explique a diferença entre esse fluxo migratório de haitianos para o Brasil e a maioria dos fluxos migratórios instalados no mundo na segunda metade do século XX.

7 (Uerj)

Brasil perde jovens para Mercado Externo

O mercado de trabalho brasileiro está perdendo grande fatia de jovens com boa escolaridade e que poderiam se tornar profissionais qualificados. São pessoas de 15 a 24 anos que estão deixando o País em busca de novas oportunidades e experiências profissionais. Na década de 90, cerca de 1,3 milhão de jovens cruzaram as fronteiras brasileiras em busca de chances de melhorar o rendimento. Talvez, nunca mais voltem. (...)

Adaptado de "O Estado de Minas", 07/05/2002.

Um de cada cinco argentinos pensa em ir-se do país

Uma pesquisa revela que na capital e Grande Buenos Aires 22% das pessoas pensam em emigrar. A maior parte quer ir para a Espanha e os EUA. (...) Os mais propensos são os menores de 35 anos, os desempregados e as pessoas com bom nível de instrução.

Adaptado do Jornal Argentino, Página 12, Acesso em: 17/05/2002.

A alternativa que contém a melhor explicação para esse processo de emigração é:

- a** Fracasso das políticas agrária e industrial para as classes camponesas.
- b** Ausência de metas econômicas e educacionais para os setores populares.
- c** Indefinição da identidade cultural e política dos segmentos da alta burguesia.
- d** Frustração das expectativas de emprego e de ascensão social das camadas médias urbanas.
- e** O sonho de fazer parte de outras nações.

8 (Uerj) O haitiano Guerrier Garausses, de 31 anos, era motorista em seu país de origem. Como muitos conterrâneos, ele veio ao Brasil em busca de emprego. Saiu da capital haitiana, Porto Príncipe, até a capital da República Dominicana. Lá, foi de avião até o Panamá e seguiu para o Equador. Dali foi para o Peru, até a cidade de Iñapari, que faz fronteira com Assis Brasil, no Acre.

Adaptado de: g1.globo.com. Acesso em: 17/04/2014.

Debaixo de um sol inclemente, Juan Apaza formava fila no Parque Dom Pedro II, centro de São Paulo. Costureiro como quase todos os bolivianos na

cidade, Juan está há menos de um ano no país, dividindo uma casa apertada com outras dez pessoas. Com as rezas do xamã, incensos e um pouco de cerveja, acredita que sua casa própria se transformará em realidade.

Adaptado de: redebrasilatual.com.br. Acesso em: 26/01/2014.

O Brasil, na última década, tem atraído migrantes originários de países americanos, em especial haitianos e bolivianos.

A vinda desses migrantes para o Brasil na atualidade pode ser justificada pelo seguinte motivo:

- a demanda de **mão de obra** qualificada.
- b oferta de empregos em áreas diversificadas.
- c facilitação para aquisição de dupla cidadania.
- d elevação da remuneração da força de trabalho.
- e reconhecimento do Brasil como um espaço de poucas oportunidades.

9 (UFRJ) No final do Século XIX e início do Século XX, o Brasil era um país de imigração, tendo recebido um importante fluxo de mão de obra estrangeira. Nas últimas décadas do Século XX, esta situação se inverteu e hoje, de acordo com algumas estimativas, o número de brasileiros que emigraram e vivem fora do país pode chegar a 1.900.000, constituindo uma verdadeira “diáspora”.

Apresente duas razões que explicam a emigração brasileira na atualidade.



Viagens pelo Brasil: migrações internas

Os fluxos migratórios de que falamos não estão apenas em momentos específicos da história ou limitados em textos e fotos de livros de Geografia. As migrações e os migrantes estão em toda parte e se manifestam em palavras, costumes, hábitos alimentares e nas características físicas do povo brasileiro. A arte também é um espaço que marca as experiências dos migrantes, isso porque, da mesma forma que os trabalhadores comuns migram em busca de melhores oportunidades de vida, também o fazem os artistas, como músicos e escritores.

Na canção *Asa Branca*, escrita pelo compositor Humberto Teixeira e imortalizada na voz de Luiz Gonzaga, por exemplo, é transmitido um pouco do sentimento do migrante nordestino. Você já deve ter ouvido essa música em períodos juninos, uma vez que ela é muito associada aos festejos de São João, muito populares no Nordeste brasileiro. Mas, além de identificar essa festa, a canção traz elementos importantes para pensarmos em um tipo específico de corrente migratória, aquelas que acontecem dentro das fronteiras brasileiras, isto é, as migrações internas.

Na música, são cantadas a tristeza e a falta de opção do sertanejo nordestino que precisa deixar sua terra motivado pela seca (“Que braseiro, que

4



Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Na imagem, Centro de Tradições Nordestinas que existe desde 1945.

fornalha/ Nem um pé de plantação/ Por falta d'água, perdi meu gado/ Morreu de sede, meu alazão”). A letra também chama a atenção para a saudade e para o desejo de retornar, que se torna mais evidente quando o ambiente volta a dar oportunidade de trabalho (“Hoje longe, muitas léguas/ Numa triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim voltar pro meu sertão”).

A popularidade de músicas como essas, de que voltaremos a tratar adiante, é sinal da grande quantidade de pessoas que de alguma forma experimentaram essa realidade, ou seja, que vivenciaram a necessidade de abandonar sua localidade de origem em busca de sobrevivência e a saudade dos familiares, amigos e dos costumes da região deixada para trás. Neste capítulo, como já dissemos, vamos explorar as migrações internas brasileiras, chamando sua atenção para os motivos que as originaram e algumas **consequências** para o desenvolvimento econômico e a identidade nacional.

A grandiosidade territorial e a divergência de culturas dentro do Brasil fazem com que não só as migrações externas possam trazer experiências muito distintas. Da mesma forma, o brasileiro que se desloca de uma região para outra pode se deparar com realidades tão díspares que permitem que ele se sinta um estrangeiro dentro do próprio país.

Antes de falarmos especificamente de vários momentos e motivações para as migrações internas, é importante retomar a **ideia** de que a migração é uma ação global, um processo completo que envolve não apenas uma necessidade ou desejo de sair do lugar onde nasceu, mas também a expectativa de que a vida será melhor em outros lugares.

A partir de agora discutiremos, portanto, as migrações internas ao território brasileiro, nas quais você perceberá uma forte relação com ciclos econômicos e com momentos decisivos do desenvolvimento nacional. Adiante, também pensaremos em influências culturais das migrações para alguns momentos artísticos experimentados pelo Brasil.



Andre Nery/Shutterstock.com

O maior terminal rodoviário da América Latina e o segundo do mundo está em São Paulo. O Terminal Rodoviário Tietê recebe por ano cerca de 11 milhões de pessoas, tanto de diversas cidades brasileiras quanto da América do Sul.

Seguindo os ciclos econômicos: em busca de oportunidades

Não é espantoso que os ciclos econômicos brasileiros possuam uma forte ligação com os fluxos migratórios internos. Imagine que fosse descoberto, em uma cidade vizinha à sua, uma grande quantidade de riquezas minerais, especificamente ouro e diamantes, seria bem provável que muitas pessoas, inclusive conhecidos seus, resolvessem se mudar para a cidade a fim de tentar a sorte. Se o país não vivesse um bom momento e houvesse uma grande quantidade de desempregados, as chances de um grande deslocamento seriam ainda maiores.

Este é apenas um exemplo fictício, mas ele não difere muito do primeiro grande fluxo migratório em direção ao interior do País, aquele conduzido pelo ciclo econômico da mineração. Sabemos que, desde a colonização até o século XVII, a maior parte da população que ocupava as terras brasileiras vivia em regiões litorâneas. O ciclo econômico da cana-de-açúcar e o constante contato com a Europa através dos portos ajudam a explicar essa preferência.

A partir da descoberta de grandes quantidades de ouro no interior do Brasil e do início do declínio açucareiro, milhares de pessoas migraram. Calcula-se que, entre 1700 e 1760, mais de 700 mil pessoas tenham saído de Portugal e de outras colônias se destinando para as regiões das Minas. Esses migrantes, somados aos que se deslocaram dentro do Brasil colônia, fundaram importantes núcleos urbanos nas capitânicas de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Por sua vez, a decadência da produção mineral, na segunda metade do século XVIII, também impulsionou migrantes, alguns retornando ao seu lugar de origem, outros indo em direção ao Rio de Janeiro e a São Paulo, principalmente essa cidade, pois era onde começava o desenvolvimento da cultura do café. No final do século XIX, outro ciclo econômico que levou muitas pessoas a se destinarem para regiões com uma baixa densidade populacional foi o da borracha.

Destacaram-se os milhares de nordestinos que seguiram em direção à região amazônica para trabalhar extraíndo látex dos seringais. Para se ter uma **ideia**, no Estado do Amazonas a população passou de 57.610, no censo de 1872, para 1.439.052, no censo de 1920. O aumento de mais de um milhão e trezentas mil pessoas na população em menos de 50 anos é uma evidência da capacidade de atração desse ciclo.

Como sabemos que a migração é uma ação global, podemos afirmar que a promessa de trabalho nos seringais não foi o único motivo para impulsionar esse ciclo. De fato, em 1877, a Região Nordeste brasileira passou por uma grande seca, que causou a morte de muitas pessoas e levou outras a migrarem fugindo da morte e da falta de perspectiva de trabalho que se instaura nessa circunstância. Muitos dos migrantes seguiram justamente para a região amazônica, onde existiam promessas de trabalho nos seringais, ou para outros estados, fora da região.

Filipe Frazao/Shutterstock.com



A riqueza gerada com a extração do látex concentrou-se na capital, Manaus. O luxuoso Teatro Amazonas foi uma das obras da época realizada com o lucro do trabalho nos seringais.

1583–2012: histórico de secas no Nordeste do Brasil

Desde o século XVI, já tivemos inúmeras secas no Brasil, 124 foram registradas apenas no **semiárido** do Nordeste. [...] Somente nos séculos XX e XXI, aparecem os registros do Instituto de Meteorologia (Inmet), da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs).

Seca de 1583–1585: A primeira notícia sobre seca foi descrita pelo Padre Fernão Cardin. Ele relata que houve uma grande seca no Nordeste, fazendo os indígenas abandonarem a região por algum tempo. Cinco mil indígenas se deslocaram do sertão de Pernambuco e do Rio Grande do Norte para o litoral, pois as fazendas haviam deixado de produzir, afetando atividades associadas à cana-de-açúcar e mandioca, causando fome em várias áreas.

Seca de 1692: Segundo o historiador Frei Vicente do Salvador, a seca atingiu todo o Rio Grande do Norte e a Paraíba, causando prejuízos à população e à pecuária. Durante a seca, os indígenas se uniram e começaram a invadir as fazendas em busca de alimento. A imigração foi a única alternativa para povos que não tinham como se alimentar. A imigração em direção a Minas Gerais iniciou-se em 1692 em função da seca e da mineração de ouro.

Seca de 1720: A pior seca e longa estiagem, que se iniciaram em 1720 e se prolongaram até 1727, totalizando sete anos seguidos de seca. Há descrições do Senador Pompeu de Sousa Brasil de que essa seca atingiu os estados do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco. A seca e a fome assolaram a região; a estiagem secou fontes, estagnou rios, esterilizou lavouras e dizimou quase todo o gado. Foi alarmante nas províncias do Ceará e do Rio Grande do Norte.

Seca de 1790: Esse ano, no Ceará, Joaquim Alves faz referência a um testemunho de uma autoridade que afirma que a seca matou todo o gado, causando falta de carne-seca. A imigração foi intensificada pela seca, fome e por doenças que se estenderam pelo Nordeste. A seca transformou homens, mulheres e crianças em pedintes. Foi criada a Pia Sociedade Agrícola, primeira organização de caráter administrativo, cujo objetivo era dar assistência aos flagelados.

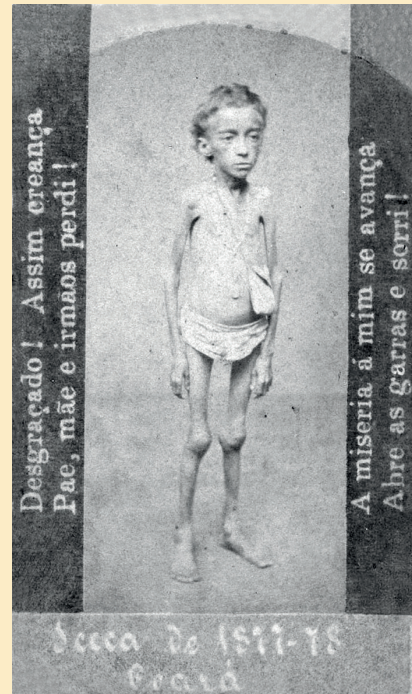
Seca de 1877: Uma das mais graves secas que atingiram o Nordeste. Hoje se calcula que morreram mais de meio milhão de pessoas em **consequência** das secas de 1877, 1878 e 1879. O engenheiro André Rebouças, abolicionista, negro, respeitado por suas **ideias** progressistas, calculava em mais de 2 milhões as pessoas atingidas pela seca, ainda em novembro de 1877.

Seca de 1980: Esta foi uma das secas mais prolongadas da história do Nordeste: durou sete anos, assim como a de 1720. O auge do problema foi em 1981. A estiagem deixou um rastro de miséria e fome: lavouras perdidas, animais mortos, saques a feiras e armazéns por uma população faminta e desesperada. Atingiu toda a região, deixando um rastro de miséria e fome em todos os

estados. No período, não se colheu lavoura alguma numa área de quase 1,5 milhão de quilômetros quadrados. No período, 3,5 milhões de pessoas morreram, a maioria crianças sofrendo de desnutrição. Pesquisa da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) apontou que 62% das crianças nordestinas, de 0 a 5 anos, na zona rural, viviam em estado de desnutrição aguda.

Seca de 1998: Na década de 1990, os anos de 1993, 1996, 1997, 1998 e 1999 foram sofríveis. A seca de abril de 1998 estava prevista há mais de um ano, em decorrência do fenômeno *El Niño*, mas, como das vezes anteriores, nada foi feito para amenizar os efeitos da catástrofe. E os efeitos de uma nova seca no Nordeste foram: população faminta promovendo saques a depósitos de alimentos e feiras livres, animais morrendo e lavouras perdidas. Com exceção do Maranhão, todos os outros estados do Nordeste foram atingidos, numa totalidade de cerca de 5 milhões de pessoas afetadas. A seca foi tão grave que o Recife passou a receber água encanada apenas uma vez por semana.

Seca de 2001: A seca de 2001 foi um prolongamento do período de seca do final da década de 1990, que teve uma trégua em 2000. O Rio São Francisco sofreu com a pior falta de chuvas de sua história, causan-



Reprodução

Na foto, criança destruída por causa da seca que assolou o Ceará no ano de 1877.

do uma diminuição drástica do volume de suas águas. Para piorar a situação, a falta de chuvas em todo o Brasil contribuiu para a pior crise energética que o País já viveu, somando a estiagem prolongada à falta de investimentos no setor.

Seca de 2012: O Nordeste tem a pior seca dos últimos 30 anos (alguns meios de comunicação afirmam que dos últimos 60 anos), atingindo quase por completo a pecuária e a agricultura familiar. A terra ficou sem verde; os rios, sem água; e os animais, magros ou mortos pelos pastos do sertão. Em algumas regiões do **semiárido** nordestino, não caiu sequer uma gota de água em 2012. Essa seca terminou com grande prejuízo para os criadores de animais do Nordeste. Segundo os dados da pesquisa Produção da Pecuária Municipal, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região perdeu 4 milhões de animais.

Fonte: <http://www.ceped.ufsc.br/historico-de-secas-no-nordeste-do-brasil/>. Adaptado.



A aridez na Região Nordeste e a falta de políticas públicas tornam cada vez mais precária a condição de vida dos habitantes.

Se a música de que falamos no início do capítulo, *Asa Branca*, já tivesse sido escrita, provavelmente muitos desses migrantes se sentiriam representados por ela, uma vez que a sua letra expõe um sentimento semelhante àqueles que possivelmente foram despertados nesses nordestinos, também obrigados a migrar em busca de sobrevivência.

O que podemos perceber, a partir desse início de conversa sobre as migrações internas brasileiras, é que esses fenômenos não ocorrem sem motivo nem são abstrações pouco compreensíveis. O impulso de migrar pelo País é resultado de outras dinâmicas internas, a exemplo de medidas políticas e econômicas. Poderíamos dizer ainda que as migrações ajudam a retratar como acontecimentos que parecem distantes influenciam na vida dos cidadãos comuns.

A política nacionalista de Getúlio Vargas, por exemplo, pode ser vista como uma medida de governo característica de um momento histórico, mas ela é muito mais do que isso. Políticas de governo e de Estado são, na verdade, decisões da administração e dos representantes políticos que impactam diretamente a vida das pessoas. Vimos anteriormente que esse governo foi um marco da diminuição de imigrantes de fora do País, pois uma norma governamental estabeleceu limites para esses migrantes.

Não por outro motivo, esse mesmo período potencializou as migrações internas. De acordo com dados do Departamento de Imigração e Colonização da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, entre 1921 e 1925, do total de imigrantes chegando ou deslocando pelo estado, 79,7% vinham de fora do País, fazendo com que apenas 20,3% dos migrantes fossem brasileiros, migrantes internos.

Por sua vez, entre 1936 e 1940, o peso da porcentagem se inverteu. Dos imigrantes, apenas 16,1% eram estrangeiros. Os demais 83,9% correspondiam a brasileiros migrando dentro das fronteiras do País. Nos anos seguintes, a proporção ainda se acentuou chegando a 96,8% de brasileiros em relação a 3,2% de estrangeiros, entre os anos de 1941 e 1945.

Mesmo que, adiante, a proporção da diferença tenha sido suavizada, as migrações nacionais não foram mais superadas pela proporção de migrantes estrangeiros. Assim, o processo de industrialização e de urbanização brasileiro — iniciado a partir de 1930 e potencializado na década de 1950 —, bem como a expansão para o oeste do Brasil, atraiu principalmente migrantes internos.



Reprodução

Casimiro Montenegro Filho, nascido no Ceará, foi o idealizador do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e do Departamento de Ciência e tecnologia Aeroespacial, conhecidos hoje como centros avançados de pesquisa no Brasil.

Urbanização e marcha para o oeste

Já citamos a ida de migrantes para o Estado de São Paulo a partir do enfraquecimento do ciclo da mineração; também falamos muito desse estado, em referência ao ciclo econômico do café, ao tratar dos imigrantes externos,

pois muitos tiveram como destino essas grandes fazendas monocultoras localizadas, principalmente, no interior de São Paulo. Diferentemente do que ocorreu em muitos ciclos, em que a derrocada de um produto fez com que um grande contingente saísse da região, o estado de São Paulo não reduziu o seu contingente populacional quando o café encerrou o seu ciclo (é importante notar que o fim do ciclo do café não implica que o produto deixou de ser importante para a economia do País, até porque o café continua sendo uma importante matéria-prima).

As grandes riquezas produzidas pelo ciclo do café foram essenciais para a criação de núcleos urbanos na cidade de São Paulo, espaços que, durante muito tempo, viveram em torno da economia do campo. Mas os recursos vindos das lavouras de café não eram simplesmente gastos nas cidades. Na verdade, os grandes lucros da cultura cafeeira e a vida urbana que se desenvolveu no seu entorno foram bases para a industrialização brasileira.

Dito de outra forma, a exportação do café gerou lucros; atraiu **mão de obra**, tanto de internos quanto imigrantes, sendo que muitos destes chegaram ao Brasil trazendo o conhecimento de técnicas de fabricação de uma série de produtos; desenvolveu uma **infraestrutura** de energia, comunicação e transporte; desenvolveu uma rede bancária; e formou uma classe média urbana capaz de consumir o que fosse produzido por essa indústria. Assim, o fim do ciclo do café não implicou o fim da importância da Região Sudeste para a economia nacional. Na verdade, ocorreu o contrário, uma vez que o crescimento industrial do Sudeste acentuou desigualdades regionais e continuou mantendo-o como o grande **polo** de atração de imigrantes do País.

Além da estrutura preparada pelo ciclo do café, outro fator que incentivou a industrialização brasileira foi a dificuldade de importar. Essa dificuldade, sentida já durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), voltou a ocorrer depois da crise de 1929, e ambas estimularam o desenvolvimento de uma indústria local do tipo substitutivo. Em outras palavras, criaram-se condições para fabricar internamente produtos de confecção menos dependente de tecnologias complexas, a exemplo de indústrias de tecidos, vestuários, calçados, bebidas, móveis e algumas máquinas simples.

Durante os governos de Getúlio Vargas (1930–1945/1950–1954), foram criadas as chamadas **indústrias de base**, isto é, as indústrias que eram base para outras indústrias, ou, melhor ainda, as indústrias que eram a base para a industrialização. Essas indústrias dedicavam-se à produção de aço (Companhia Siderúrgica Nacional), à exploração de minérios utilizáveis pela indústria (Vale do Rio Doce) e à produção de energia (Petrobras).



David Herraiz Calzada/Shutterstock.com

A Petrobras possui sede no Rio de Janeiro, mas também atua em 25 países. Na imagem, plataforma de petróleo da Petrobras na Espanha.

Depois delas, outras indústrias tiveram o alicerce necessário para se desenvolver, o que ocorreu em grande quantidade no Governo de Juscelino Kubitschek (1956–1961). Nesse período, Juscelino abriu espaço para grandes entradas de investimentos estrangeiros. Enquanto o estado brasileiro continuava investindo em indústrias de base, além de comunicação e transporte, os recursos individuais, tanto os nacionais quanto os estrangeiros, dedicaram-se aos bens de consumo, sendo que os primeiros se voltaram principalmente para os bens **não duráveis**, e os segundos, para os duráveis.

No que interessa ao assunto primordial deste livro, esse processo de urbanização foi um dos lados de mais um importante fluxo migrante, o **êxodo rural**. Como você já sabe, esse tipo de migração se refere à saída de pessoas do campo para os centros urbanos e, no caso brasileiro, está relacionado a esse contexto de industrialização a que acabamos de nos referir. Esse processo foi tão intenso que, entre 1940 e 1970, a população rural diminuiu de 69% para 44% do total de brasileiros. Nos anos 2000, continuando essa expansão das cidades, a população urbana, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já representava mais de 80% do contingente populacional brasileiro.

Por mais que esse processo migratório tenha como razão atrativa a grande quantidade de indústrias que se desenvolviam no Sudeste e que requeriam

mão de obra, do ponto de vista administrativo os governantes não estavam preparados para cidades crescendo em um ritmo tão acelerado. Um grande conjunto de problemas urbanos vivenciados na atualidade tem origem nesse período, em que vários setores de atendimento à população não cresceram o suficiente para atender a população crescente.

Muitos dos que chegaram à cidade em busca de melhores condições de vida encontraram espaços que não possuíam escolas, hospitais, saneamento básico, moradia nem mesmo empregos apropriados para todos. Como, ainda assim, essas pessoas precisavam manter-se o mais próximo possível dos centros urbanos, onde havia mais oportunidades de trabalho do que no campo, iniciou-se um processo de ocupação irregular.

Essa ocupação desordenada relaciona-se com o “inchamento” das periferias, nas quais costuma haver elevação de taxas de desemprego e subemprego, moradias irregulares, falta de uma organização adequada do sistema de transporte, bem como a carência de serviços de educação, saúde e lazer. Por sua vez, esse conjunto de precariedades contribui também para a relação entre as periferias e altas taxas de criminalidade.

O crescimento das cidades periféricas, algumas vezes, chegou a superar a das metrópoles. Enquanto a capital paulista cresceu 3,6% na década de 1970, cidades ao seu redor chegavam a crescer 12,96% e até 18,09%: foram os casos das cidades de Embu e Carapicuíba, por exemplo. Esse crescimento destacado das periferias, chamado por alguns geógrafos de **periferização**, ocorreu porque, depois de um período de ocupação dos centros urbanos, esses espaços deixaram de ser suficientes para todos que procuravam a cidade ou passaram a ser mais caros do que os mais pobres poderiam pagar.



Estudos revelam que um morador de bairro abastado em São Paulo vive mais do que um da periferia. Essa diferença inclui também a arborização dos espaços e o número de gravidezes na adolescência.

Assim, alguns migrantes que chegavam procurando os grandes centros acabavam empurrados para cidades vizinhas, menos estruturadas do que as que haviam motivado suas migrações e que faziam com que eles acabassem expostos a mais um tipo de fluxo migratório, sendo este diário — as **migrações pendulares**. Muitas das cidades periféricas funcionam como **cidades dormitórios**, o que quer dizer que grande parte dos seus moradores trabalha em outras cidades, precisando diariamente realizar viagens interurbanas separando o lugar de moradia do lugar de trabalho. Essas distâncias acentuam até hoje sérias questões de mobilidade urbana, que são um dos principais problemas dos centros urbanos brasileiros.

Mesmo com os problemas da urbanização acelerada e desordenada, os centros urbanos continuaram sendo atraentes, em grande medida graças aos fatores que continuavam repelindo os brasileiros das zonas rurais. Como sabemos, todo fluxo migratório é um processo global, de modo que, para sua ocorrência, combinam-se motivos que repelem e motivos que atraem.

A atração pela vida moderna

Só volto lá a passeio
no gozo do meu recreio,
só volto lá quando puder
comprar uns óculos escuros. [...]
Porque pra plantar feijão
eu não volto mais pra lá
eu quero é ser Cinderela,
cantar na televisão...
Botar filho no colégio,

dar picolé na merenda,
viver bem civilizado,
pagar imposto de renda.
Eu fico aqui carregando
o peso da minha cruz
no meio dos automóveis,
mas vai, viaja, foge daqui
que a felicidade vai
atacar pela televisão.

O trecho da música *Menina Jesus*, do cantor e compositor baiano Tom Zé, expõe elementos de atração do migrante nordestino em direção à Região Sudeste. Está marcada na canção a relação entre modernidade, progresso e o Sudeste, quando o autor se refere ao desejo de ser “bem civilizado”, de ter acesso à televisão e de poder usufruir de serviços como a educação para os filhos. Em oposição, o Nordeste é rejeitado em decorrência da falta de oportunidade e do desejo de realizar outras atividades, que não a agrícola.

O cantor é um dos nomes do movimento tropicalista, que estimulou o cenário cultural brasileiro no final da década de 1960. Esta e outras obras de Tom Zé reclamam da impossibilidade de alcançar a modernidade desejada na Região Nordeste. O autor relaciona essa modernidade a elementos muito simples e cotidianos, como os óculos escuros ou o picolé na merenda, chamando a atenção para o descaso com a região, mais decorrente de uma falta de atenção política do que de questões climáticas. No texto da canção *A procissão*, o também cantor tropicalista Gilberto Gil constrói uma crítica mais direta à manutenção da situação de desigualdade no Nordeste.

Eu também
tô do lado de Jesus,
só que acho que ele
se esqueceu
de dizer que na Terra
a gente tem
de arranjar um jeitinho
pra viver.

Muita gente se arvora
a ser Deus
e promete tanta coisa
pro sertão:

que vai dar um vestido
pra Maria
e promete um roçado
pro João.

Entra ano, sai ano,
e nada vem.
Meu sertão continua
ao Deus-dará,
mas, se existe Jesus
no firmamento,
cá na Terra
isso tem que se acabar.

Na composição, Gil chama a atenção para a religiosidade do povo nordestino e para a forma como essa mesma religiosidade é utilizada para minimizar situações de tensão, causadas por pessoas que, de maneira injusta, fazem promessas infundadas para o Nordeste. Nas duas composições, fica clara a percepção de que a necessidade de migrar do nordestino se deve menos a questões geográficas do que a situações políticas.

Acabamos de apontar a industrialização e a sua oferta de empregos como um importante fator de atração de migrantes internos para os centros urbanos, faltando tratar dos fatores que repeliram os brasileiros das zonas rurais, antes mais povoadas do que os centros. Entre esses motivos, estão a concentração de terra nas mãos de poucos latifundiários, fazendo com que muitos trabalhadores rurais não fossem donos das próprias terras ou de terras suficientes para

garantir o sustento de sua família, e a mecanização da agricultura, diminuindo a necessidade de **mão de obra** para o trabalho do campo.

Somados a esses dois motivos, ainda estão o esgotamento dos solos, motivado por variações climáticas que podem ser induzidas ou potencializadas pelas pessoas, a exemplo da desertificação; as secas; os baixos salários para os trabalhos restantes; e a falta de investimentos em outros setores econômicos, a fim de gerar outras fontes de emprego e renda nas regiões interioranas do País.

Além de considerarmos a industrialização e suas **consequências** para migrações inter-regionais e para o êxodo rural, é preciso mencionar a marcha para o oeste brasileiro, que podemos classificar como o último dos grandes movimentos migratórios de dimensão nacional. Esse fluxo migratório está relacionado a uma necessidade de ocupar e gerar riquezas em outras regiões do País, uma vez que, por conta da herança colonizadora e por uma série de fatores de que tratamos, as regiões Sudeste, Nordeste e Sul possuíam uma ocupação muito mais densa do que as regiões Norte e Centro-Oeste.

Essa marcha foi, então, parte de uma série de políticas que tentaram interiorizar o crescimento do País, conduzindo a população para a região central, até então pouco povoada. Essas políticas incluem a construção e a transferência da capital do País para Brasília e a política de integração nacional, que ganhou um plano específico na década de 1970. A construção de Brasília conduziu muitos trabalhadores para a região, destacadamente nordestinos, o que também foi facilitado pela **infraestrutura** rodoviária, desenvolvida com a finalidade de possibilitar a mobilidade da população que desejasse seguir naquela direção.

Ainda faltava, entretanto, incentivar a produção local para, dessa forma, atrair migrantes que pudessem se fixar e permanecer nas regiões **Centro-Oeste** e em parte da Norte. Nesse sentido, iniciativas governamentais e particulares incentivaram a colonização através de frentes de expansão e de frentes pioneiras que pretendiam, nesta ordem, conduzir uma ampliação da agropecuária e da agricultura e, em seguida, consolidá-la.

Também, para incentivar a ocupação regional, foram criadas agrovilas, que eram centros de colonização muitas vezes em meio à floresta. Essas ocupações foram muito importantes para englobar a mão de obra que já não encontrava espaço nos grandes centros urbanos do Sudeste, já muito “inchados”, como também para receber migrantes fugindo de secas e desemprego em outras partes do País. Ainda é vantagem a disseminação da população brasileira pelas regiões até então menos ocupadas, o que pode ser visto claramente na taxa de crescimento populacional das regiões do País.

Crescimento populacional			
Regiões (IBGE)	População em 2000	População em 2010	Crescimento (% 2000–2010)
Norte	12.900.704	15.865.678	22,98
Nordeste	47.741.711	53.078.137	11,18
Sudeste	72.412.411	80.353.724	10,97
Sul	25.107.616	27.384.815	9,07
Centro-Oeste	11.636.728	14.050.340	20,74
Brasil	166.799.170	190.732.694	12,33

Fonte: IBGE – Censo 2010/Crescimento da População Brasileira.

Em contraposição, a maneira como a ocupação do oeste brasileiro se fez, assim como no caso das urbanizações, também trouxe sérias **consequências** para a atualidade. Nesse caso, as consequências dizem respeito principalmente a questões socioambientais e a situações de violência ainda hoje existentes no que diz respeito à disputa pela terra.

O desmatamento realizado muitas vezes de maneira inadequada, com a finalidade de expandir a agricultura, empobreceu o solo de muitos espaços da região, tornando-o algumas vezes inapropriado para a própria agricultura que se desejava implementar ou ainda o fazendo dependente de caros processos de compensação que não podem ser pagos por pequenos agricultores. Assim, essa gestão pouco consciente dos recursos naturais acaba gerando efeitos negativos tanto para a economia local quanto para o equilíbrio ecológico.

Sendo essas regiões (Centro-Oeste e Norte) locais de nascimento e de desenvolvimento de muitas espécies vegetais e animais, além de serem espaços que precisam de uma gestão adequada a fim de proteger rios e aquíferos, ainda não é possível afirmar as proporções negativas de uma expansão pouco atenta ao meio ambiente.

Outro aspecto também muito relevante com relação a essas novas fronteiras agrícolas diz respeito à disputa por territórios. Nesses espaços, ainda são comuns violentos conflitos envolvendo grandes proprietários de terra, migrantes e ainda populações nativas e indígenas, grupos que reclamam leis pouco conciliáveis de direito à terra.

Esse conjunto de disputas e de conflitos de interesses pode ser utilizado para pensarmos um importante conceito da atualidade, o de **desenvolvimento sustentável**. Por essa perspectiva, não se ignora a necessidade de

desenvolver, isto é, de expandir a economia, gerar empregos e transformar espaços desocupados em espaços produtivos, por exemplo. Entretanto, o conceito chama a atenção para a necessidade de se fazer tudo isso sem comprometer o direito das gerações futuras de fazer o mesmo e de ainda viver em um ambiente saudável.

O conceito de **desenvolvimento sustentável** nos serve tanto para pensar nas implicações ambientais dessa expansão para o oeste e para parte do norte do Brasil quanto para pensar nos conflitos ligados à posse de terra e nos direitos legítimos das populações nativas. Estas têm, já na atualidade, comprometido o direito a viver em sociedade preservando os traços da sua cultura e o seu modo de viver.

Para além da marcha para o oeste, é preciso mencionar uma modificação na tendência geral das migrações. Na década de 1990, foi possível perceber uma mudança nos **polos** de atração, pois os fluxos migratórios tornaram-se mais difusos, isto é, mais espalhados do que os que ocorriam nas décadas de 1960 e 1970, nas quais havia um destino predominante. Essa mudança teve como direção centros regionais em desenvolvimento e que possuíam um ritmo de crescimento maior do que o das grandes cidades, já estagnadas.



Victoriano Junior/Shutterstock.com

Goiana, em Pernambuco, era um importante polo de engenhos de cana-de-açúcar durante a colonização. Atualmente, tem recebido migrantes da capital para investimento em diversos setores, como o automobilístico.

Há na atualidade, portanto, uma tendência de abandono dos grandes centros em direção às cidades medianas, não só por ser um momento de crescimento destas, mas também para fugir dos ambientes desordenados

dos grandes centros, que incluem alto custo de vida, dificuldades para a mobilidade urbana e violência. A expansão econômica de alguns estados do Nordeste, esta ainda mais recente, também diminuiu o fluxo migratório ou o localizou em regiões dentro dos próprios estados. A reativação de alguns setores da economia nordestina, como o reaquecimento do turismo e a instalação de empresas, também contribuiu para incentivar o retorno de alguns imigrantes para o Nordeste. Ainda assim, os estados com as maiores taxas de imigração ainda se localizam nessa região do País.

Os nordestinos migrantes em música, literatura e Sociologia

Desde o início deste capítulo, os nordestinos foram mencionados repetidas vezes como Imigrantes que, seguindo os ciclos econômicos, deixaram a sua região de origem para se destinar a outros espaços. Essas menções repetidas não foram aleatórias, mas se devem ao fato de que o Nordeste brasileiro é uma região tipicamente emigratória, em oposição ao Sudeste, que é uma região que apareceu, na maior parte dos nossos relatos, como um **polo** atrativo, ou seja, como uma região imigratória.

Mas a que se deve a direção desse fluxo? Certamente, você já sabe que esse fluxo se explica tanto pelas oportunidades aparentes fora da região nor-

destina quanto pelos fatores problemáticos existentes entre os estados dessa região. Destacam-se como fatores que expulsam o nordestino: a existência de grandes latifúndios e de donos de terra que, além do controle econômico e territorial, exerciam também uma forte autoridade política; a modernização do campo, que reduziu a quantidade de empregos e aumentou a exclusão social; os regimes de trabalho não regidos pelos direitos trabalhistas; e a falta de investimentos focalizando a Região Nordeste e a não atenção adequada à questão da seca.

Devido às secas prolongadas, à falta de investimentos na região e a diversos outros fatores, muitas vezes os nordestinos são obrigados a abandonar sua terra natal para procurar oportunidades em outras regiões do País.



Vitoriano Júnior

A falta de oportunidades dentro da própria região fez com que nordestinos de períodos distintos se deslocassem para Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, durante o ciclo da borracha; para a Amazônia, a fim de trabalhar nos seringais; para São Paulo e para o norte do Paraná, com destino às fazendas de café; depois, ainda para São Paulo, para trabalhar na indústria e construir a cidade que se expandia; e, por fim, os nordestinos também se deslocaram para o Centro-Oeste e para o Norte, trabalhando como operários nas construções que edificaram Brasília, nas estradas que guiavam até ela e na expansão agrícola que ocupou muitas áreas.



O Museu de Arte de São Paulo (Masp) foi fundado por iniciativa de Assis Chateaubriand, um nordestino proveniente da Paraíba. Chateaubriand também foi responsável pela chegada da televisão ao Brasil, inaugurando a primeira emissora de TV, a já extinta TV Tupi.

O que há em comum em todos esses fluxos, que são os principais fluxos da migração interna, é justamente a constância dos nordestinos como migrantes e como importantes trabalhadores nos diversos ciclos e projetos que procuraram desenvolver o País. Sendo assim, é preciso conceder aos nordestinos migrantes não só o mérito dos trabalhos realizados, mas também uma série de misturas culturais, resultantes da aproximação de grupos de diferentes regiões.

Muitos migrantes conseguem alcançar condições de vida melhores do que as que deixaram para trás, mas muitos sofrem com desemprego e subemprego nas grandes cidades, sendo expostos a trabalhos com baixas remunerações. Como resultado, alguns desses brasileiros vitimados pela desigualdade social e pela falta de oportunidade na sua região de origem são atingidos ainda pela pobreza e pela exclusão social nos novos espaços, aos quais se destinaram cheios de sonhos e de esperanças.

A decepção da cidade grande

A música pode ser um importante instrumento para auxiliar na compreensão da realidade dos nordestinos que seguiam para outras regiões em busca de melhores oportunidades. Isso porque, entre importantes nomes da música popular brasileira, estão migrantes nordestinos que seguiram para a Região Sudeste, como muitos outros nordestinos, a fim de buscar melhores oportunidades, sendo que, no caso desses artistas, buscavam-se condições para o desenvolvimento das suas obras.

Assim como outros migrantes, esses nordestinos sentiram-se deslocados e até decepcionados diante da percepção de que a vida nos grandes centros urbanos traria grandes dificuldades e desafios. Abaixo, trechos das canções *Fotografia 3x4*, do cearense Belchior, e *Sampa*, do baiano Caetano Veloso, revelam a decepção dos imigrantes e ainda outros elementos.

A minha história é talvez,
é talvez igual à tua, jovem que desceu do norte,
que no sul viveu na rua
e ficou desnordeado, como é comum no seu tempo,
e que ficou desapontado, como é comum no seu tempo,
e que ficou apaixonado e violento como eu como você”.

Belchior – Fotografia 3x4

E foste um difícil começo,
afasto o que não conheço.
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.

Caetano Veloso – Sampa

Somado à exclusão social, há ainda outro tipo de dificuldade enfrentada pelos nordestinos: a discriminação contra a sua origem geográfica e contra os seus costumes. Ainda na atualidade, muitos nordestinos são tratados com desprezo, e a eles é atribuída a culpa pela pobreza e criminalidade nas mesmas cidades que construíram e das quais foram excluídos. A prova da manutenção dessa postura discriminatória está não só em casos de preconceito divulgados pontualmente por veículos de comunicação, mas principalmente

nas maneiras genéricas com as quais essas pessoas são tratadas, chamadas de **retirantes**, **paus de arara**, **flagelados** ou simplesmente de **baianos** ou **paraíba**s, como é comum nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente.

Nestas últimas expressões, há ainda uma tendência de tratar o Nordeste como um todo indiferenciado e estereotipado, isto é, de maneira reduzida e preconcebida, como se todo o Nordeste fosse uma região seca e pobre caracterizada pela Caatinga, pela falta de água e pela pobreza de uma população sertaneja. Ainda que todos esses elementos sejam reais e participem da constituição identitária do Nordeste, a região também possui outros ambientes e realidades, de vegetações diversas, de grandes centros urbanos, de cidades históricas e uma ampla produção cultural, todas costumeiramente ignoradas diante dos discursos de ódio e das falas preconceituosas.

Muitas produções audiovisuais, como filmes, séries e telenovelas, ao fazerem referência ao Nordeste tanto nos seus ambientes quanto no seu povo como um local de pobreza, de seca e de gente pouco instruída, também reafirmam essa visão estereotipada e ajudam a manter preconceitos relativos à forma como pessoas de outras regiões ou do próprio percebem no Nordeste. Esses estereótipos continuados reforçam e auxiliam na manutenção de desigualdades e injustiças sociais e dificultam a percepção da amplitude da cultura e da contribuição nordestina.

No caminho de nos afastar dessa visão limitada, podemos mencionar a ampla participação de nordestinos e nordestinas na cultura e na arte do Brasil, o que pode ser percebido tanto em manifestações artísticas típicas da região, como a literatura de cordel ou o artesanato à base de barro, palha ou madeira, quanto em renomados intelectuais que ajudaram a constituir a identidade do Brasil como um todo. Há em comum, nessas duas formas de criação da identidade nacional, o fato de que comumente o Nordeste não recebe o mérito devido, ora por ter o elemento cultural desconsiderado ou desvalorizado, ora por ter a contribuição separada da sua relação com o Nordeste e com nordestinos e nordestinas.

ostill/Shutterstock.com



Para desconstruir a imagem do Nordeste como detentor de um só tipo de expressão cultural pelos seus nove estados, basta observar as manifestações artísticas durante a Festa de São João. No Maranhão, por exemplo, é comum os festejos incluírem a figura do **bumba meu boi**; já em Pernambuco, têm-se apresentações de bacamarteiros, homens portando o bacamarte, uma arma de fogo.

Literatura de cordel

O que pensam e dizem os poetas populares sobre o cotidiano da política e os rumos da sociedade? A literatura de cordel sempre teve como objeto de sua produção, entre outras coisas, a descrição de acontecimentos sociais ou críticas aos (des)caminhos da sociedade e seus governantes. Trata-se de uma poesia popular escrita quase sempre em versos de sextilhas (estrofes de seis versos) ou septilhas (estrofes de sete versos). A maioria desses rapsodos do povo é composta de personagens sertanejos, iletrados, semialfabetizados, e, com efeito, a política tem sido um manancial de inspiração para esses poetas populares em todas as suas nuances.

De origem europeia, foi principalmente na Região Nordeste do Brasil que a literatura de cordel veio a florescer e se desenvolver, tratando de temas os mais variados, como as secas periódicas, a fome, os bandos de cangaceiros, a organização da sociedade patriarcal, casos de raptos de moças, credices, religião, servindo, inclusive, como fonte de acesso à informação para o povo do sertão nordestino. “Nada é estranho à literatura de cordel”. Originário dos romances da França e da Península Ibérica, a literatura de cordel recebeu esse nome porque, em Portugal, os folhetos ficavam expostos para a venda em barbantes ou “cordões”.

No Brasil, a “porta de entrada” da literatura de cordel foi pelo Nordeste: “[o Nordeste] revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade”

A literatura de cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar.

A literatura de cordel surge como uma possibilidade de debate sobre a realidade social, política e até mesmo econômica. Uma diversidade de assuntos abordados a partir de uma linguagem poética e literária: “[...] não é apenas ao imaginário que os cordelistas emprestam seus versos. Entre o conteúdo informacional dos folhetos estão assuntos ligados à política,

educação, história, problemas sociais e de ordem pública e temas ligados à saúde e medicina preventiva”.

E, através desse contato com a literatura de cordel, é possível refletir de forma crítica sobre a realidade, fazendo-nos perceber nossa posição no mundo e nos diversos contextos sociais. A pedagoga Roberta Alves, destacando o papel que a literatura de cordel pode ter no contexto escolar, afirma:

A literatura de cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

Fonte: <http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/literatura-de-cordel-e-politica/> Acessado em 30/11/17. Adaptado.



Kleber Cordeiro/Shutterstock.com

É comum ver declarações de que os nordestinos não têm acesso à cultura pelo fato de muitos não terem recebido uma educação formal. Isso demonstra a desvalorização da expressão artística nordestina como cultura, a exemplo da literatura de cordel. Essa literatura traz a marca de uma produção coletiva, isto é, sendo um tipo de fala dos nordestinos sobre eles mesmos, e se volta para a realidade de modo complexo. Os poemas costumam trazer desde situações engraçadas ou sofridas até debates sobre a realidade social e política do Brasil e do Nordeste.

Pensando na literatura, por exemplo, desde a escola romântica, quando se começou a pensar a identidade nacional através de textos, os nordestinos desempenharam importantes papéis. Entre esses nordestinos, está o maranhense Gonçalves Dias, principal nome da primeira geração romântica, que escreveu, durante a sua estada na cidade Portuguesa de Coimbra, um poema denominado *Canção do Exílio*, até hoje compreendido como símbolo da identidade nacional. Nele, Dias canta a saudade da sua terra de origem, um sentimento que, como sabemos, é comum aos migrantes. Esse poema, fazendo referência às terras brasileiras que Gonçalves Dias conhecia, as do Maranhão, é hoje lido como representante de toda a nação, mas não como uma contribuição do Nordeste.

Depois dele, muitos outros nordestinos contribuíram com a literatura dessa escola, entre eles podemos citar Castro Alves, Tobias Barreto, Sousândrade, José de Alencar e Franklin Távora. Estes dois últimos escreveram romances voltados para o Nordeste, mas não de uma perspectiva comum. Távora alegava que José de Alencar se deixava levar pelos modelos estrangeiros e chamava a atenção para a necessidade e a capacidade do Nordeste de criar sua própria literatura. Essa perspectiva inaugura um espaço muito fértil da literatura brasileira, no qual é inserida grande parte dos autores nordestinos, o regionalismo.

Autores como Aluísio Azevedo, Raimundo Correia, Augusto dos Anjos, Graça Aranha e Manuel Bandeira também são originários de diferentes estados do Nordeste. Eles e suas obras são, muitas vezes, desassociados da região, talvez porque a perspectiva estereotipada não consiga sustentar-se diante da amplitude, do teor político e do sentimento universalizante presentes nos seus textos.



Marcio Jose Bastos Silva/Shutterstock.com

É importante salientar que a expressão artística do Nordeste não se resume apenas ao tema da imigração ou de aspectos da terra, mas também se dá em âmbito global, como as esculturas de cerâmica do pernambucano Francisco Brennand.

Muitos desses escritores brasileiros foram migrantes, que, assim como as pessoas de que falamos ao longo desse livro, precisaram deixar seu lugar de nascimento em busca de melhores oportunidades, de uma educação mais sólida ou da possibilidade de atuar em profissões com pouco espaço em algumas regiões do País. A contribuição desses migrantes, marcada nos livros de Literatura e de História, já é, por si só, um caminho para desfazer preconceitos contra os nordestinos.

Também há, na nossa literatura, autores que tomaram o Nordeste como temática, isto é, escreveram textos sobre ele e sobre as suas questões. Esses autores, entre os quais estão a cearense Raquel de Queiroz, o alagoano Graciliano Ramos, o paraibano José Lins do Rego e o baiano Jorge Amado, principais romancistas da geração de 1930, foram chamados de **regionalistas**. O termo recebe crítica por alguns historiadores, indicando que os intelectuais do Sudeste do Brasil, seja através da literatura, seja através da história, falam por toda a nação mesmo se referindo à sua cidade; enquanto os nordestinos, mesmo se referindo a uma realidade mais ampliada, são sempre concebidos dentro de uma categoria menor e menos abrangente, a do regionalismo.

O historiador Durval Muniz, ao tratar do regionalismo, critica a literatura, o teatro, a pintura e o cinema, argumentando que as artes regionalistas, mesmo sendo mais concretas do que o regionalismo romântico de José de Alencar e de Franklin Távora, não conseguiram fugir de uma folclorização da cultura nordestina, isto é, de uma limitação a poucas características, pitorescas e ainda estereotipadas. Para o historiador, o Nordeste ainda é retratado como um lugar preso ao passado, atrelado a tudo o que é antigo e simplório.

Segundo o mesmo autor, é o movimento cultural tropicalista que consegue ultrapassar alguns limites do regionalismo, pois valoriza a tradição sem limitar-se a ela, conduzindo-a para a elaboração de algo novo. Ao romper com o regionalismo e com o olhar para a cultura nordestina como algo estático e que deve ser preservado, o tropicalismo também rompe com a manutenção de relações de poder que geram desigualdades sociais no Nordeste.

Os tropicalistas reclamam o direito do nordestino ao progresso e à modernidade, sem que para isso tivessem de migrar para as grandes cidades, caminho que, inclusive, foi realizado pelos principais nomes do movimento: Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé. Essa trajetória migrante até hoje se encontra marcada nas obras desses e de outros importantes artistas brasileiros.



Fundação Casa de Jorge Amado, localizada no Pelourinho, Bahia. Antiga residência do escritor brasileiro Jorge Amado, cujas obras literárias servem até hoje de inspiração para a produção artística nacional.

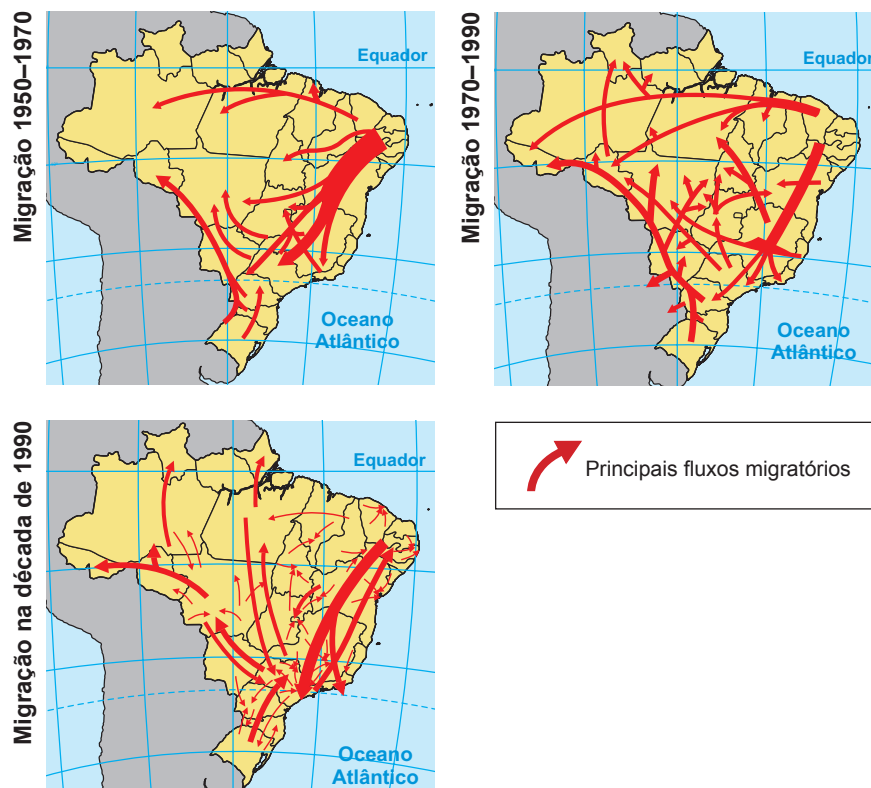
Mesmo diante das situações de preconceito, o desejo de manter uma conexão com o Nordeste fez e faz com que muitos nordestinos procurem espaços de interação com seus conterrâneos e com traços da cultura. Em levantamento feito em 1996, pesquisadores afirmavam que existiam mais de 200 pontos de encontro de nordestinos, nos quais se reuniam até 20 mil pessoas por fim de semana, apenas na capital paulista. Ainda que os números sejam antigos e possam estar desatualizados para mais ou para menos, a existência desses pontos de encontro é indício de que nem sempre o afastamento do Nordeste é uma livre escolha para os nordestinos.

A saudade de casa, marcada no imaginário dos migrantes, é evidenciada pelo destaque de alguns cantores na Região Sudeste, mesmo adotando temas, letras e ritmos diretamente relacionados à vida do nordestino. Cantores como o pernambucano Luiz Gonzaga alcançaram popularidade que foi além das fronteiras do Nordeste. De 1946 a 1955, Gonzaga foi o artista que mais vendeu discos no Brasil.

A popularidade foi utilizada para divulgar o Nordeste, que até a década de 1940 era muito pouco conhecido no restante do Brasil, e para falar dele com orgulho e importância. Nas músicas cantadas por Gonzaga, muitas escritas por parceiros constantes, também eram abordadas migrações, muitas vezes sendo tratadas como a última opção de nordestinos que preferiam permanecer na sua região de origem.

Se continuássemos listando nomes importantes, devido à sua contribui-

2 (UFU) A mobilidade da população brasileira sempre esteve ligada ao processo de povoamento do território nacional. A sucessão dos períodos da economia do Brasil favoreceu essa mobilidade, que pode ser observada nos mapas a seguir.



A análise dos mapas anteriormente apresentados permite afirmar que:

- a** as décadas de 1970–1990 constituem-se como os principais períodos da migração de nordestinos rumo ao Centro-Oeste, fato que contribuiu para que essa região apresente, atualmente, o maior crescimento populacional do País.
- b** as décadas de 1950–1970 foram marcadas pela migração de nordestinos para o Sudeste, motivados pela industrialização; para Mato Grosso e Paraná; e para a Amazônia, devido à criação da Zona Franca de Manaus.
- c** a década de 1990 foi marcada pela migração de moradores das periferias das grandes cidades brasileiras, atraídos pelas expectativas de trabalho nas reservas extrativas da região amazônica.
- d** nas décadas de 1970–1990, o maior fluxo de migração interna do Brasil foi o de nordestinos rumo ao Centro-Oeste, onde eles se transformaram em empresários do extrativismo mineral.

3 (Cefet-MG) Sobre o perfil da migração interna brasileira nos últimos anos, revelada pelo Censo Demográfico do IBGE de 2010, afirma-se que:

- I. o déficit migratório da Região Sudeste está relacionado à recente descentralização industrial ocorrida no Brasil nas últimas décadas.
- II. a Região Nordeste continua no topo da lista com o maior percentual de emigrantes, apesar do incremento da migração de retorno.
- III. o saldo positivo de migrantes na Região Norte deve-se às grandes obras de **infraestrutura** energética e às atividades primárias.
- IV. a ampliação do agronegócio no Centro-Oeste mostrou-se incapaz de reter **mão de obra** para essa região brasileira.
- V. o desenvolvimento industrial nos três estados da Região Sul foi responsável pelo destaque na retenção de nativos.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

- a I e IV.
- b I e V.
- c II e III.
- d II e V.
- e III e IV.

4 (Mackenzie)

- I. As maiores densidades são encontradas na faixa litorânea.
- II. Os estados nordestinos, devido às migrações, apresentam baixas densidades.
- III. De modo geral, as Regiões Norte e Centro-Oeste apresentam baixas densidades.

Dentre as afirmações anteriores, sobre a distribuição espacial da população brasileira:

- a apenas I e II estão corretas.
- b apenas II e III estão corretas.
- c I, II e III estão corretas.
- d apenas I e III estão corretas.
- e I, II e III estão incorretas.

5 Analise o seguinte trecho da música *O último pau de arara*, de autoria de José Guimarães e interpretada por importantes cantores brasileiros, como o cearense Fagner e a baiana Maria Bethânia.

“Enquanto a minha vaquinha
tiver o couro e o osso
e puder com o chocoalho
pendurado no pescoço,
vou ficando por aqui.
Que Deus do céu me ajude!

Quem sai da terra natal
em outro canto não para.
Só deixo o meu Cariri
no último pau-de-arara.
Só deixo o meu Cariri
no último pau-de-arara”

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/ultimo-pau-de-arara.html>. Acessado em 05/04/2018.

A partir do trecho da canção e dos seus conhecimentos sobre migrações internas no Brasil, marque o que for **correto**.

- a A música faz menção ao desejo dos nordestinos de deixar a região em busca de regiões mais modernas, como o Sudeste do Brasil.
- b A letra da canção destaca o mais importante fator de repulsão dos nordestinos, de acordo com estudiosos contemporâneos: a seca.
- c Pela canção, é possível perceber a difícil situação vivenciada no sertão nordestino, que faz com que a população deseje se afastar não só dessa realidade, mas também do atraso dos costumes locais.
- d A situação de seca descrita na canção é predominante na Região Nordeste, sendo uma boa descrição do conjunto de ambientes dessa parte do Brasil.
- e A música expressa o desejo de se manter na Região Nordeste pelo sertanejo nordestino, impossibilitado pela falta de oportunidades locais. A impossibilidade, na canção, é representada pela seca, mas outras questões estão diretamente relacionadas, como a falta de investimentos na região.

6 (IFSuldeMinas) Para responder à questão, leia a música *Notícia de Terra Civilizada*, composta por Jorge Mello e Belchior.

Era uma vez um cara do interior
Que vida boa, água fresca e tudo
mais
Rádio notícia de terra civilizada
Entram no ar da passarada
E adeus paz
Agora é vencer na vida
O bilhete só de ida
Da fazenda pro mundão
Seguir sem mulher nem filhos
Oh! Brilho cruel dos trilhos
Do trem que sai do sertão

Acreditou no sonho
Da cidade grande
E enfim se mandou um dia
E vindo viu e perdeu
Indo parar, que desgraça!
Na delegacia
Lido e corrido relembra
Um ditado esquecido
“Antes de tudo um forte!”
Com fé em Deus um dia
Ganha a loteria
Pra voltar pro Norte

Coletânea de Músicas - Millennium: Belchior, 1998.

A música do cantor e compositor Belchior relata o drama de milhares de trabalhadores brasileiros que, principalmente nos anos de 1960, 1970 e 1980, alimentaram o sonho de buscar suas conquistas na vida urbana, era o êxodo rural, um deslocamento ou migração de trabalhadores rurais que vão em direção aos centros urbanos. Todos esses trabalhadores tinham um sonho de melhorar de vida, ou até mesmo, de enriquecer, no entanto, quase sempre essas perspectivas eram frustradas pela dura realidade.

Assinale a alternativa que **não** apresenta uma das **consequências** do Êxodo Rural no Brasil.

- a Aumento do desemprego.
- b Melhor distribuição das áreas agricultáveis.
- c Marginalização.
- d Crescimento das Favelas.

O fim e o **recomeço**

Ao fim dessa jornada, através de várias viagens feitas por vários povos ao longo do Brasil e pelo mundo, podemos nos fazer uma pergunta: mas migrações, afinal, são problemas ou soluções para a sociedade? Assim como a própria compreensão das migrações, uma pergunta como essa não pode ser respondida de maneira simplista, sem o devido cuidado reflexivo e sem a atenção para as razões e **consequências** das migrações.

Nesse sentido, as migrações são sinais de problemas e de desigualdades sociais quando grandes contingentes populacionais precisam sair do seu local de origem para conseguir sobreviver dignamente em outros espaços, uma vez que os seus são demasiadamente pobres ou sem oportunidades. As migrações também podem ser atreladas a uma realidade negativa quando os migrantes não encontram condições para o próprio desenvolvimento nos espaços de destino ou quando são associados aos problemas das regiões tipicamente imigratórias, como a Região Sudeste do Brasil ou grande parte dos países europeus na atualidade (lembre-se de que, durante muito tempo, a Europa foi um **polo** de dispersão de migrantes pelo mundo), associação que sabemos ser pouco condizente com a realidade.

Em todos esses casos problemáticos associados às migrações, entretanto, não é ela a causadora do problema, mas, sim, a existência de desigualdades tão intensas, dentro de um mesmo território ou para além dele, que forcem pessoas a se deslocarem, não por desejo, mas por necessidade. Em outras palavras, para todas essas questões, as migrações manifestam problemas, no entanto não são elas os problemas.

Diante de grandes fluxos populacionais em deslocamento, a exemplo do que acontece nos países europeus, recebendo pessoas que não só migram, mas buscam refúgio, há o temor de que essas pessoas possam desequilibrar as economias e a organização dos países procurados. Também nesses casos há um exagero, pois, mesmo que a quantidade de pessoas buscando refúgio nunca tenha sido tão grande quanto nos últimos anos, ainda assim ela não é suficiente para desequilibrar toda a economia de um continente.

Em contrapartida, é preciso mencionar uma dívida moral e social existente entre nações e regiões que se desenvolveram, em alguma medida, explorando recursos das regiões que hoje são mais pobres e cujos problemas são, muitas vezes, decorrentes de uma história comum. A questão torna-se ainda mais urgente diante de um mundo globalizado, onde não é possível isolar as pessoas, assim como não é possível restringir informações e mercadorias. O

fechamento de fronteiras de diversos países tem mostrado que essa restrição tem sido pouco efetiva no sentido de coibir a entrada, mas tem sujeitado pessoas a situações de grande vulnerabilidade ao viverem ilegalmente e sem qualquer assistência estatal.

Se os elementos negativos das migrações podem ser questionados ou ao menos redirecionados e percebidos como problemas anteriores ao ato de migrar, as vantagens desses fluxos estão efetivamente contidas neles. Do ponto de vista prático, os migrantes foram importantes para garantir a soberania de territórios, para povoar regiões e para suprir déficits populacionais sem os quais não seria possível desenvolver várias regiões e atividades.

Mas, muito mais do que esse auxílio prático, a presença de imigrantes amplia a visão de mundo, tanto para os que chegam quanto para os que já habitavam os locais. Os imigrantes costumam enriquecer o idioma, contribuir para a música e outras artes, além de deixar sua contribuição na alimentação, na ciência, na política e nos hábitos de maneira geral.

Todo encontro de povos carrega, portanto, a potencialidade de engrandecimento cultural para ambos. Mas, para que a potencialidade possa ser transformada em realidade, é preciso que os povos estejam dispostos à proximidade real, não se tratando como superiores ou inferiores.

Assim, no final dessa jornada, seguimos para um recomeço que nos conduz para a observação do outro, principalmente do imigrante, não como um inimigo da cultura ou um usurpador de postos de trabalho, mas como um membro de outras sociedades com as quais se pode aprender e a partir das quais se pode amadurecer a própria. Os novos imigrantes em direção ao Brasil e através dele, bem como a situação dos refugiados no mundo, convidam-nos a uma reflexão, e ela, a posturas mais humanísticas e menos individualistas nesse mundo necessariamente global.



Routes5/Shutterstock.com

Referências

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *Preconceito contra origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti [et al.]. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

HISTÓRIA Viva. *Brasil: país de imigrantes*. Ano 09. Nº 97.

REVISTA de História da Biblioteca Nacional. *Refugiados: humanidade à deriva*. Ano 11. Nº 124.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Brasil, 1995.

TERRA, Lygia. *Conexões: estudos de Geografia Geral e do Brasil: volume único*. São Paulo: Moderna, 2008.

_____. *Geografia do Brasil*. São Paulo: Moderna, 2002.

VALIM, Ana. *Migrações: da perda da terra à exclusão social*. São Paulo: Atual, 1996.